

Organizadores:

Luís Henrique Pellanda

Marcio Renato dos Santos

Victor Augustus Graciotto Silva



# Ampliando Horizontes:

## Poesia e Ficção

ANO 3

CRÔNICAS



Ampliando  
Horizontes:

---

Poesia e Ficção  
ANO 3

CRÔNICAS

Incentivo:



**SOFTMARKETING**

SOLUÇÕES EM COMUNICAÇÃO



**CURITIBA**

Projeto realizado com recursos do Programa de Apoio e Incentivo à Cultura  
– Fundação Cultural de Curitiba e da Prefeitura Municipal de Curitiba.

*Coordenação Pedagógica e Edição*

Marcio Renato dos Santos

*Coordenação do Projeto e Supervisão Editorial*

Victor Augustus Graciotto Silva

*Produção*

Juliana Cristina Reinhardt

*Realização*

Máquina de Escrever Editora | Produção Cultural

*Ministrante da oficina*

Luís Henrique Pellanda

*Capa*

Simon Taylor

*Diagramação*

Rafael Kloss

*Revisão*

Elys Faria Bittencourt

Cida Grecco

*Fotografia*

Clara Reinhardt Silva

#### Dados internacionais de catalogação na publicação

**A526**

Ampliando Horizontes: poesia e ficção, crônicas, ano 3 / organizado por Luís Henrique Pellanda; Marcio Renato dos Santos; Victor Augustus Graciotto Silva; ilustração da capa por Simon Taylor. Curitiba: Máquina de Escrever, 2024.  
80 p.; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-87517-75-9

1. Ficção Brasileira – Paraná. 2. Crônicas Brasileiras. I. Pellanda, Luís Henrique. II. Santos, Marcio Renato dos. III. Silva, Victor Augustus Graciotto. IV. Taylor, Simon.

CDD: 869.9362

Filomena N. Hammerschmidt – CRB9/850



**Máquina de Escrever**

Editora | Produção Cultural

Curitiba - Pr - Brasil

Fone: (41) 98406-1935

contato@editoramaquinadeescrever.com.br

editoramaquinadeescrever.com.br



Luís Henrique Pellanda  
Marcio Renato dos Santos  
Victor Augustus Graciotto Silva  
organizadores

**Ampliando  
Horizontes:**  

---

**Poesia e Ficção**  
ANO 3

**CRÔNICAS**

1ª edição

Curitiba, 2024



“Eu já quis morrer jovem, porque quem morre jovem não é visto como um fracassado. Todo mundo pensa: ‘Era tão jovem, nem teve a chance de tentar’. Ninguém saberia que na realidade o tal jovem tinha uma alma velha e careta, não arriscava viver seus sonhos, desistia sem tentar, era um covarde. Hoje eu mudei de ideia. Vou arriscar porque sou jovem e, se eu errar, digam que é porque sou jovem e não sei nada da vida. Quero viver com coragem a minha juventude. Quem arrisca jamais poderá ser visto como um fracassado, mesmo que morra velho.”

Lívia Uhlmann, este livro é para você.

Obrigado por se arriscar e jamais fracassar em nos trazer sorrisos.

# SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	11
<b>Prefácio</b>	
<b>Não estou aqui para escrever</b>	
<i>Luís Henrique Pellanda</i> .....	12
<b>A capitã</b>	
<i>Anelisa Martin Batista</i> .....	14
<b>Manam kanchu</b>	
<i>Daniel Krüger Montoya</i> .....	16
<b>Lado B</b>	
<i>Fernanda Leal</i> .....	18
<b>Beira-mar</b>	
<i>Fernanda Ribeirete</i> .....	21
<b>As carpideiras</b>	
<i>Flávia Cé Steil</i> .....	23
<b>Mozarts assassinados</b>	
<i>Gregory Rossi</i> .....	26
<b>Batismo de sal</b>	
<i>Jady Torralvo</i> .....	28
<b>Popó e o garoto de azul</b>	
<i>Janaina Micheluzzi</i> .....	31
<b>Ontem à noite</b>	
<i>Jefferson Dantas</i> .....	33
<b>O pai pegou um peixe!</b>	
<i>José Luis C. Zanella</i> .....	35
<b>Fragmentos de uma vida notificada</b>	
<i>Keila Vieira de Lima</i> .....	37
<b>A sopa</b>	
<i>Ketilyn Almeida</i> .....	40
<b>O mar em mim</b>	
<i>Lilian Vieira de Miranda</i> .....	42
<b>Casa com personalidade</b>	
<i>Lívia Uhlmann</i> .....	44

<b>É o carro do sonho</b>	
<i>Lorenza Vieira</i> .....	46
<b>Envelhecer</b>	
<i>Maísa Cardoso</i> .....	48
<b>Sabedoria felina</b>	
<i>Maria Luiza Menegazzo</i> .....	51
<b>Dengo</b>	
<i>Maurício de Olinda</i> .....	53
<b>O catamarã, o cão e eu</b>	
<i>Melissa Sapatini Guedes</i> .....	55
<b>Sonho sozinho</b>	
<i>Renan Valentim</i> .....	57
<b>Azul</b>	
<i>Rita Delamari</i> .....	59
<b>Chocólatra</b>	
<i>Rose Farago</i> .....	61
<b>à procura de um par</b>	
<i>Sabrina Freitas</i> .....	63
<b>Posfácio</b>	
<b>A crônica e o espírito do tempo</b>	
<i>Francine Cruz</i> .....	65





# APRESENTAÇÃO

## **AGRADECEMOS AO GENEROSO 2024**

Atravessamos 2024 com as três oficinas do Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção, já na terceira edição do projeto.

Desta vez, espaços da Secretaria Municipal da Educação de Curitiba nos receberam: a Biblioteca Darcy Ribeiro, no centro de Curitiba, abriu as portas para o curso de romance com o José Castello. Também no centro, o Memorial Árabe foi o cenário de duas oficinas de poesia ministradas pela Luci Collin. E no Abranches, o Luís Henrique Pellanda conduziu o curso de crônicas no Farol das Cidades.

Atraímos dezenas de pessoas para as atividades, e alguns fatores podem ajudar a compreender o êxito de **Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção**.

Estamos no terceiro ano consecutivo espalhando benefícios para quem deseja aprimorar a produção de prosa e poesia. Todas as atividades são gratuitas e os participantes não têm nenhum custo, nem com as oficinas, nem com os livros que são publicados.

Há participantes que seguem conosco desde a primeira edição, outras pessoas nos acompanham há 1 ano e também há aquele(a)s que se conectaram ao projeto em 2024.

A cada ano buscamos fazer algo a mais a fim de melhorar a experiência para os participantes, além de avançar na democratização do acesso e na divulgação. Todo ano são ministrantes e curadores diferentes, promovendo o reconhecimento de nossas escritoras e escritores aqui de

Curitiba, que são de excelente qualidade e diversidade, muitas vezes mais conhecidos fora do Paraná, algo que o projeto busca mudar e fazê-la(o)s também valorizada(o)s aqui. Este ano, a divulgação foi realizada com maior antecedência, ampliando o público e resultando em oficinas com número máximo de participantes. Também realizamos oficinas de leitura para adolescentes que são atendidos pelo CRAS e associações que atendem jovens em situação de vulnerabilidade social, ministrados por Kenni Rogers. Convidamos ministrantes experientes, na prática e na exposição e compartilhamento de como transitar pela palavra escrita. Neste ano, os três convidados são autores reconhecidos com o Prêmio Jabuti, um dos mais importantes da literatura brasileira: José Castello, Luci Collin e Luís Henrique Pellanda. Por sua vez, Amarildo Anzolin, Francine Cruz e João Lucas Dusí foram os curadores da presente obra que está sendo publicada.

A equipe da Máquina de Escrever manteve a consistência na produção cultural, tendo à frente Juliana Cristina Reinhardt e Clara Reinhardt Silva, que cuidaram da divulgação, produção e organização das oficinas. No processo editorial, Cida Grecco garantiu a precisão de sempre nas revisões textuais, Simon Taylor mais uma vez mostrou sua arte singular nas capas, Rafael Kloss cuidou com maestria do projeto gráfico e da diagramação, e coube a nós o fino trabalho de harmonia do processo como um todo.

Tudo isso, ponderamos, fortalece a continuidade dessa proposta que viabiliza gratuitamente a experiência literária completa: da ideia inicial, ou inspiração, à escrita e reescrita, incluindo o contato com experientes poetas e prosadore(a)s, até o lançamento da obra impressa com os conteúdos desenvolvidos nas oficinas.

A lista de agradecimentos é imensa e nela incluímos Castello, Luci e Pellanda, pelas oficinas de escrita; Kenni Rogers, pelas oficinas de leitura; Amarildo Anzolin, Francine Cruz, João Lucas Dusí, pela curadoria;

Alice Medeiros, do Memorial Árabe, Gesiane do Rocio Fontoura, da Biblioteca Darcy Ribeiro e Nadege Breckenfeld, do Farol das Cidades; Christiane Martins, gerente de Faróis do Saber e Bibliotecas, da Secretaria Municipal da Educação da cidade de Curitiba; Marianne Torres e Patricia Wohlke, da Fundação Cultural de Curitiba; Simon Taylor, Rafael Kloss, Cida Grecco, Clara Reinhardt Silva e Juliana Cristina Reinhardt; nossos ancestrais e demais pessoas que seguem de mãos dadas com a gente, desde o início, desde a primeira vez.

*Marcio Renato dos Santos*  
*Victor Augustus Graciotto Silva*

## PREFÁCIO

# **NÃO ESTOU AQUI PARA ESCREVER**

*Luís Henrique Pellanda*

Não estou aqui para escrever, e sim para apresentar 23 colegas. Estivemos juntos durante oito manhãs de sábado, entre abril e julho de 2024, na biblioteca do Farol das Cidades, no Abranches. Talvez valha a pena dizer que fez sol em quase todos estes sábados. Ou pelo menos esta é a minha lembrança. Fez sol.

Sobre o grupo, há pouco a adiantar. Trata-se de uma turma atenta, serena e divertida que, sorte a minha, não se dispersou ao longo de nossos encontros. Poderia dizer que são persistentes, mas não considero a persistência uma grande virtude. Prefiro falar da inteligência e da disposição de todos para a escuta e o diálogo. Afinal, o sucesso de uma oficina depende do talento e do bom ânimo de seus alunos. E essa foi, sem dúvida, uma oficina bem-sucedida. Ao menos para mim. Se é verdade que bem pouco ensinei, garanto que aprendi bastante. E por isso agradeço a cada um destes 23 autores aqui compilados: obrigado por me ouvirem. Ouvir, muitas vezes, é um trabalho bem mais refinado que o de falar.

Em relação à oficina, seu tema era a crônica. Estudamos o histórico do gênero no Brasil, desde sua chegada por aqui, no início do século 19, e discutimos seus principais cultores na imprensa do Império e da

Velha República. Falamos de Alencar, Machado, Bilac, João do Rio, Lima Barreto. Depois falamos dos modernistas, e de Rubem Braga e Drummond, de Cecília Meireles e Clarice Lispector, de Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos, de Verissimo e Ignácio de Loyola Brandão. Mas também lemos Cidinha da Silva, Ivan Angelo, Eliane Brum e Mariana Janelli, entre tantos outros, trazendo cada um desses autores para o nosso tempo, o nosso espaço e as nossas vidas. Porque a melhor literatura, digo isso como leitor, é aquela que, uma vez descoberta, passa a fazer parte de nossa existência comum, cotidiana. E a crônica vive dessas transposições, desse esboroamento de fronteiras entre fato e ficção, literatura e jornalismo, vida e arte.

E, claro, não apenas conversamos. Também escrevemos. Ou melhor, eu não escrevi, e nem vim aqui para isso. Vim apresentar 23 colegas. E é por isso que, aos leitores, peço licença e atenção: fiquem, agora, com os cronistas.

# A CAPITÃ

Anelisa Martin Batista

Propus-me a desbravar meu mar, mas oscilo no vaivém de minhas ondas de dúvidas e confianças. Mergulho em minhas profundezas e, assustada, volto a permanecer rasa. Vario entre essas duas condições. Daí meu balanço e minha vertigem. De cima para baixo e vice-versa. É que tem mais mar em mim do que no planeta inteiro. O oceano todo cabe nos meus olhos de ressaca. Deve ser por isso que persisto na travessia.

Se pensar bem, sou feita da mesma substância do mar. Meu suor exala maresia e meu pranto salgado curas minhas feridas. Habitam em mim os mais incríveis seres marinhos, desde os corais mais coloridos, com seus peixinhos delicados, passando pelas sereias e seus encantos, até as mais bizarras e horrendas criaturas da escuridão. Assim, navego em minhas águas ora límpidas, ora turvas.

Posso, como o mar, ser marola e maremoto. Aprendi com ele a acolher aqueles que me respeitam e a repelir os que querem apenas surfar nas minhas ondas, sem qualquer compromisso. Temos momentos de escassez e, outros, de fartura. Compartilhamos ciclos íntimos com a lua. Sinto as correntes marítimas circularem em minhas veias, num fluxo carregado de vida. Se minhas águas estão em bonança, cruzo sossegada, mas se estão revoltas, naufrago com as minhas mais pesadas embarcações. Na calmaria, estagno. Fico tempos parada no mesmo lugar, até o próximo período tempestuoso. Para quase tudo, consulto minha bússola e as estrelas. Elas me guiam. Apontam para o destino que me espera no tempo certo. Outras vezes, impaciente, me perco no nevoeiro. Então, confusa, anco-ro-me na esperança de ver o

céu desanuviar e o vento soprar a meu favor. Não raro, ponho-me a remar feito uma cigana oblíqua.

Não importa quão imensa e forte seja a minha extensão de água salgada, há quem defeque e urine em mim. Descuidados e prepotentes subestimam minha capacidade de singrar-me. Tanto faz. Invariavelmente lanço minhas redes e devolvo todo lixo que em mim depositam. Impetuosa, talvez, mas nunca dissimulada, como dizem por aí. De outro lado, há quem me admire em silêncio pelo modo como conduzo o mar que sou. Brilho dourada nos dias de sol, prateada nas noites de lua cheia, e me apago em dias nublados e noites escuras.

Em todos os portos, embarco e desembarco histórias de pescador. Descarrego meu sal, que conserva e corrói ao mesmo tempo. Se atraco e sigo em terra firme, carrego o som das marés dentro das conchas guardadas em meu bolso e no ruído que o ar faz em minhas narinas enquanto respiro. Mas, de meu mar, não consigo fugir, e nem quero, como um rio corro ao seu encontro. Percorrer-me é minha sina.

Muito prazer, a Capitã!

# MANAM KANCHU

Daniel Krüger Montoya

Segunda-feira recebi uma foto da tia Maria no Whats. Uma imagem em preto e branco, posada, com quatro figuras femininas. Uma mulher na casa dos 30, que segura no colo um bebê com menos de dois anos, uma criança na faixa dos quatro, em pé, e uma moça, ainda adolescente, agachada, que parecia ser da mesma família, mas dava a impressão de estar deslocada na fotografia. Não reconheci ninguém e a tia logo me explicou. Ela é o bebê no colo da minha vó Mercedes, a criança em pé é a tia Délia e a adolescente, uma empregada da família.

De vez em quando ligo para minha tia. Nosso encontro pessoal é mais complicado, porque não é tão simples assim chegar até Lima. Ela é um par de anos mais velha que meu pai e gosta de falar. Uma clivagem ocorreu quando ele decidiu sair de casa e se instalar em outro país sem interesse em voltar. A partir dali teve início uma nova formação geológica, e essas ligações para a tia são uma tentativa de estabelecer uma arqueologia de mim mesmo. Sempre falo com ela com espátula em punho, cavando um pouco mais em busca de algum achado, algum artefato relevante. É assim, juntando muitas das nossas conversas e atento à mão do fotógrafo, que observo a cena retratada.

Meu pai e os irmãos não foram instruídos no quéchua. Mesmo com nome quéchua, mesmo com os pais falantes e fluentes, a opção da família foi marcar-se socialmente como *hispanohablantes*. Quéchua era a língua dos serviçais, geralmente *campesinos*, dos que trabalhavam na terra, no preparo dela e na colheita, e *los niños* não teriam esse destino. Eventualmente, meu pai tinha contato com esses trabalhadores, que se dirigiam a ele na língua nativa. Ele respondia com uma das poucas



expressões que guarda até hoje: *manam kanchu*. Uma forte negação de alcance de entendimento, ou mesmo uma desposseção, um não ter.

Volto para a foto. Todos ali poderiam compor a mesma família por conta dos traços do rosto, da cor da pele e do cabelo, dos olhos puxados. O fotógrafo percebe que precisa intervir para marcar as distinções. A empregada então é posicionada de cócoras, de modo a ficar no patamar mais baixo entre todos os fotografados, e seu vestido (ela nitidamente se preparou para a visita) é coberto por uma manta, um traje bem comum entre populações andinas, fechado com um grande alfinete. Mostro a foto para meu pai e o consulto. Ele confirma que a manta era comum entre os empregados, confirma que o alfinete era comum, porque improvisavam bolsas com as mantas e as prendiam ao redor do ombro com ele, ou davam um nó. Penso no papel da empregada na foto. Seria outro marcador social? Ou um símbolo de afeto? Nenhuma das hipóteses parece entregar a resposta toda. De qualquer forma, penso na mão do fotógrafo (nem cogito de fotógrafa, no interior do Peru dos anos quarenta). Se é para a empregada figurar na cena, que seja retratada em seu devido lugar: abaixo de suas semelhantes e com trajes do povo. As outras não, vestiam puro ocidente. Fosse o fotógrafo um Martín Chambi, os elementos da composição estariam arranjados de outra forma, não tenho dúvida. Infelizmente não era, paciência.

Olho muito para a foto, pois é provavelmente a primeira vez que vejo a vó tão jovem. Normalmente está retratada já senhora, idosa, mas este registro me joga para a matemática. Faço cálculos e penso que talvez estivesse grávida de meu pai naquele momento, ou que ele fosse recém-nascido. Não tenho imagens da infância dele. Penso de novo na clivagem. Fica difícil olhar para o artefato que tenho na tela do celular e identificar, ao final, uma cena mais ampla. Sempre tem algo que transborda e vaza pela moldura desse quadro que tento fechar, deixando evidente que só posso dizer *manam kanchu*.

# LADO B

Fernanda Leal

caro leitor, você já ouviu a palavra do disco hoje?

longe de mim ser impertinente: não vou ficar ligando diversas vezes para o seu telefone ou batendo à sua porta, o meu convite é singelo. é que recentemente redescobri tal palavra, fui profundamente tocada pelo seu som e agora quero espalhar o encantamento para os quatro cantos do mundo.

minha avó sempre teve um toca-discos e vários LPs em sua casa, e aquilo me despertava uma curiosidade incrível. nunca podia mexer na máquina sozinha, precisava sempre da tutela e da boa vontade de um adulto, o que era raro. mas quando acontecia — ah, como explicar aquela agulha descendo lentamente de encontro ao vinil e produzindo som? especialistas, por favor não me expliquem, porque prefiro acreditar que é tudo um truque de mágica.

uns anos atrás, para a minha surpresa, ganhei de aniversário um toca-discos pra chamar de meu. agora eu me sentia especial porque, enquanto uns davam o play, eu levantava a agulha. imagine só, que fantástico, poder escutar uma música sem olhar para uma tela? apenas sentir as ondas sonoras, sem distrações.

não que pagar de diferente seja um fenômeno inédito na minha vida. desde criança fui do contra. se minha família torce pro Corinthians, eu sou São Paulo. se todas as meninas faziam balé, eu fazia vôlei. nas festinhas, se meus colegas queriam refrigerante, eu bebia água. se minhas amigas gostavam de Rebelde, bom... eu não gostava, mas não podia fazer muita coisa a não ser ficar de cara feia, silenciosamente resistindo naquela festinha cujo tema era Rebelde.

perdoe-me, leitor, se estou soando pedante, afinal a minha promessa foi a de um convite trivial, só que estar do outro lado da coisa faz alguém se sentir... diferente. nadar contra a maré é, no mínimo, corajoso. ousado. já experimentou dizer pra uma criança que ela não pode fazer alguma coisa? pois então.

além disso, a música sempre me encantou. quando pequena, adorava viagens longas de carro em que eu podia cantar as minhas favoritas sem que ninguém me julgasse. um tempo depois, minha prima mais velha me ensinou a baixar músicas — ilegal ou legalmente, cabe ao leitor decidir —, e assim podia recheiar meu MP3 com o que há de mais refinado no mundo, ou seja, o meu gosto musical. quando adolescente, dei pra colecionar CDs, um mercado na época já decadente, e agora só me resta a lembrança dos cinquenta e tantos que acumulei, pois não tenho mais onde tocá-los.

por fim, me rendi ao *streaming*, pois já tinha dinheiro para pagá-lo e era muito empenho ficar baixando músicas. as coletâneas, que antes eram trabalhosas, feitas no CD e embaladas para viagem numa dobra-dura improvisada de papel, com a letra infantil em caneta permanente indicando “músicas da fêh (partes 1 e 2)”, agora estavam a um clique de distância. magia zero. e meus pais, que são do tempo da belíssima *playlist* analógica (músicas da rádio gravadas na fita cassete), hoje usam a **minha** conta do Spotify.

então, com minha maleta-toca-discos debaixo do braço, saí à procura do que ouvir. tomei como missão mergulhar na música popular brasileira, começando, é claro, pelo que eu já conhecia: Tim, Gil, Elis, Raul. nas curvas de cada música, acabei me apaixonando também por Belchior, Bethânia, Gal e tantos outros. ainda, sem saber, me conectei com o meu falecido avô, que me deixou uma vasta discoteca para que eu pudesse conhecê-lo melhor.

ano passado, meu pai achou na internet um disco de uma orquestra alemã que sempre ouviam no Natal, mas que por algum motivo se perdeu. comprei-o também para presentear minha vó, que ficou com os olhos marejados ao carregar nos braços um pedaço da sua história com meu avô. e qual não foi sua felicidade ao relembrar os acordes daquela sinfonia tão especial.

hoje ela já se desfez do antigo toca-discos; tem uma máquina nova e superversátil no lugar — toca LP, CD, fita, se conecta ao rádio e ainda ao *bluetooth*. reconheço: depois de tanto tempo sendo teimosa, não dá pra ser do contra o tempo todo (é cansativo). melhor mesmo é ser uma metamorfose ambulante. ok, confesso: minha vitrola tem um botãozinho que me permite conectá-la com o meu celular, garantindo assim o melhor dos dois mundos.

## BEIRA-MAR

Fernanda Ribeirete

Corriqueiros eram os cadernos de confidências que fazíamos circular entre os colegas da escola, com tantas perguntas quanto fossem as suas folhas. Isso antes do aparelho celular. Questões aparentemente simples como, por exemplo, o nome do seu melhor amigo, se você já havia se apaixonado, e se preferia mar ou piscina, estavam em quase todos os cadernos. Eu, que com meus doze anos de idade nunca tinha ido à praia, respondia, àquela última pergunta: prefiro piscina — sem expressar, pois que não interessava a ninguém, que na verdade aquela não era uma questão de escolha, mas sim de total ausência da outra experiência, suprida apenas dois anos mais tarde, numa viagem de férias.

Quando chegou a minha vez diante do mar, desde as primeiras vertigens do vaivém das ondas quebrando, foi arrebatamento. Os pés afundando na areia macia, brisa com toque de acolhida, intensidade. E não importa quantas vezes depois meu olhar tenha descansado nele, ou quantas vezes eu encharque meus poros em sua alquimia de abraço e sal, com o mar vem-me sempre aquele suspiro mais agudo do inefável.

O oceano — líquido amniótico em útero aberto com vista para o voo — e meu corpo imerso. Meu corpo imerso e a oscilação das águas entre o descanso e o estouro. A amplitude e eu dentro dela. Também tem as juras de amor que profiro ao cantarolar “na terra onde o mar não bate/ não bate o meu coração/ o mar onde o céu flutua/ onde morre o sol e a lua”... São juras de uma vontade genuína de me entregar aos horizontes de fora e de dentro. A música diz que “o melhor é o mar do mundo de um certo ponto de vista”, e eu penso naquele desejo com status de sonho de uma vida, e a mente navega leve e banhada de azul,

de modo que se eu então retornasse no tempo, voltando àquela pergunta do caderno de confidências, escolheria o mar, certo? Escolheria! Mas... com que grau de veracidade?

O mar me reclama e eu vou, mas vou apenas até o nível da cintura. A amplitude e eu dentro dela, até onde dá pé. A amplitude e eu na vitrine dela.

Acaba o feriado e, da janela do carro, enquanto os tons oceânicos começam a tomar distância do meu campo de visão, e já não sinto tão perfeitamente o cheiro da maresia, deposito aquelas juras de amor num cantinho qualquer de mim, assim como largo por aí o resto do meu protetor solar. Amanhã é segunda em minha vida de cloro, limites e concretude.

# AS CARPIDEIRAS

Flávia Cé Steil

Eu venho de uma família de carpideiras. Claro que não no sentido clássico da palavra, não somos profissionais do choro, e nem choramos pelo defunto alheio. Prefiro mesmo nos chamar de carpideiras modernas: comparecemos a velórios e não somos pagas com dinheiro, mas com histórias.

Essa ocupação não se estabeleceu por acaso. Como tradição, minha mãe costuma dizer que “o problema de ter uma família grande é que, nela, morre mais gente que nas outras”. Descendente de várias gerações interioranas que costumavam ter filhos aos montes para ajudar na roça, acredito que, nesse caso, família grande é eufemismo.

A morte sempre foi um tema recorrente em nossas vidas. De tanto frequentar velórios — de familiares, de vizinhos, de conhecidos e conhecidos de conhecidos —, ficamos famosas por nossos “lindos olhos tristes”, que aparentemente são uma herança de família. Talvez “carpidar” faça mesmo parte da nossa natureza.

Pensar na morte pode parecer assustador para o público em geral. Já para as carpideiras, a convivência com a dita cuja é tão frequente que passou a ser objeto de análise: pode ser apenas uma superstição nossa ou, talvez, um favor da ceifadora a suas fiéis companheiras, mas, com o tempo, ela passou a nos avisar antes de se aproximar de alguém da família.

Entre nós, as pessoas se vão em dobradinhas: se fulano nasceu em maio e morreu em setembro, o próximo defunto será nascido em setembro e *morrido* em maio.

Essas combinações de datas acontecem desde os anos 1970 e causam certa ansiedade. Isso porque, quando uma dobradinha começa, o próximo velório já está praticamente marcado. Fazemos nossas despedidas, dizemos que amamos e também abraçamos o bendito felizardo que nasceu no mês premiado.

Nosso último parente morto, velado há alguns anos, nasceu em julho e morreu em novembro. E isso tem sido um problema para meu tio mais velho, nascido em novembro. Consigo imaginar aquele homem sério, na casa dos 70 anos, suando frio durante todo o mês de julho e soltando um grande suspiro de alívio quando o calendário passa a marcar agosto.

Ainda que sejam muito católicas, as carpideiras carregam consigo uma enorme gama de superstições. Realmente acreditam que podem falar com os finados. Não sei se são apenas coincidências ou se é somente a nossa velha amiga nos presenteando com informações privilegiadas. Aparentemente, fui uma das premiadas com esse dom, seguindo o exemplo de minha mãe e minha avó — as mais medrosas da família e, é claro, as únicas que ganharam acesso a essa linha direta.

Muitas de nós recebemos avisos prévios de parentes falecidos antes mesmo da confirmação de suas mortes: minha avó, filha mais velha que saiu de casa aos 16 anos, recebeu uma “visita” de sua irmãzinha logo antes da notícia da morte da mais nova chegar. Anos depois, essa mesma avó, internada por causa de um infarto, fazia o mesmo tipo de visita à minha mãe, antes de seu telefone tocar, com a ligação do hospital.

Minha mãe, a única que abraçou a missão “carpídica” de desenvolver o terceiro olho e a mediunidade, até hoje é convidada para velórios e volta vendo ou sentindo o cheiro do defunto em todo canto.



Acredito que a parte boa de termos sido abençoadas com essa relação quase cármica com nossa amiga ceifadora é que juntamos, ao longo dos anos, uma coletânea incrível (no sentido literal da palavra) de histórias e segredos que só poderiam ser revelados “por cima do cadáver” de alguém, e que realmente o foram — para as carpideiras dos *lindos olhos tristes*.

Nossos jantares em família nunca ficam monótonos...

# MOZARTS ASSASSINADOS

Gregory Rossi

É dezembro e, entre uma reunião e uma confraternização, atravesso a Praça Tiradentes. O sino da Catedral me mostra toda a sua imponência, mas também alardeia uma enorme hipocrisia. Vejo um casal abraçado, chorando, enquanto uma criança de três anos o observa. Ao seu lado, várias cerâmicas pintadas, esperando que alguém as compre. Penso no que deve ter acontecido com aquela família, e sinto que está desabrigada, buscando refúgio sob a sombra divina. A escada da Catedral tornou-se seu lar (pelo menos enquanto o segurança não os expulsa dali), um berço de pedra para seu filho, que talvez nutra esperanças de, um dia, ter um quarto decente. Os transeuntes, com pressa de depositar suas preces na casa de Deus, esquecem de lhes ofertar um olhar sequer, sabem que a compaixão exige mais que moedas. E a criança, com olhos de quem entende ironias, sorri, pois sabe que até as bênçãos têm endereço certo — e definitivamente, não é o seu.

É, meu caro leitor, até as pedras do calçamento são mais quentes que o coração desse povo que passa por eles. Continuo meu trajeto e vejo a fila da marmita comunitária. Essa fila é um achado de histórias que nunca serão contadas, pois quem se interessa por aqueles que estão à margem da sociedade? Nela, um homem mostra suas anotações para outro, e diz que aprendeu a escrever para conquistar garotas através da poesia.

Passo por uma lanchonete e a atendente, trabalhando de pé, grávida de uns sete ou oito meses, entre meu pedido de café com leite e pão de queijo, me conta que sua chefe descontou mais da metade do seu salário por não ter aceitado os atestados de suas consultas de pré-natal.

Mas ela, ainda com um sorriso no rosto, me conta que aprendeu a fazer amigurumis, feliz porque sua pequena, quando nascer, terá pelo menos o acalento desses mimos.

Volto meu olhar para a fila, a família e a atendente, e entendo o que Antoine de Saint-Exupéry quis dizer em seu livro *Terra dos homens*: “O que me atormenta, as sopas populares não remediam. O que me atormenta não são essas faces escavadas nem essas feiuras. É Mozart assassinado, um pouco, em cada um desses homens”.

# BATISMO DE SAL

Jady Torralvo

Você pode argumentar que quando conheci o mar eu já era mulher feita. Alta, longos cabelos loiros escuros que o vento do Atlântico me jogava no rosto de expressão fechada. “Essa menina foi pega no laço”, diziam meus avós. A arte de interpretar a cara humana, para eles e para a maioria das pessoas, chega só até algo meio primordial: cara fechada é coisa de bicho bravo. Ao menos tínhamos algo em comum, o mar e eu.

Uma braveza. Coisa de instinto.

Era dia de semana, terça ou quarta-feira, e eu, sem rotina e sem cabeça, passava por uma crise que me jogava de um lado para o outro, esmagada entre o meu coração e a dureza da realidade.

Eu não evitava o mar, mas sim a praia. Correr da cidade para a beirada de onde a própria vida neste planeta, nascida na água, começou, como um coágulo, para depois ficar ali, aglomerado, fazendo-se de alheio à sua própria banalidade.

Não seria aquele o tipo de lazer apreciado por um bicho arisco. Um bicho assim se espanta. Mas a ideia de conhecer o mar já estava ali, alojada entre todas as minhas outras tentações e devaneios, irrealizáveis ou danosos, e a necessidade de expurgar falava alto. Naquela época do ano geralmente não ocorria às outras pessoas ir à praia, e eu então poderia sair da toca com mais tranquilidade.

Sendo assim, meu encontro com o mar foi postergado até um certo maio pálido, quando o sol por detrás de um céu cinzento estava mais manso. Era como se as nuvens em uníssonos emude-

cessem, me convidassem a experimentar duma calma desconhecida pela criatura brava diminuída pelos ruídos da vida.

No meu recente lar, urgente e afortunado refúgio, eu em paz me banhava debaixo do chuveiro, a água morna abraçava meu corpo em prantos, infiltrava-se insípida por entre meus lábios, irrigando a alma surrada. Era mesmo íntima essa minha relação com a água, mas ela não dava conta de tudo que tinha que amolecer. O mar amolece até pedra. Eu também tinha o que vencer pelo desgaste.

Levei-me enfim até o mar, transportada pela estrada, deslocada de mim mesma mudando de posição em posição para mais perto, mais juntos. Não lembro de ter feito outra viagem igual, mas nada é o mesmo duas vezes. Apartados pelas várias distâncias cravadas entre nós dois e todos aqueles anos de esquivas, nosso encontro foi intenso. Conhecemo-nos, enfim, de ser imenso para ser imenso. Era mesmo ali, nas ondas, o lugar para eu estar, nós, duas criaturas cujas carne e alma arrebatam-se.

Fiz questão de prová-lo para saber se era mesmo salgado. O mergulho na água gelada me arrepiava, envolvendo-me como um manto oscilante. Eram boas as pancadas daquela água, cancelando as outras que eu tinha levado, amolecendo os cortes, extraindo os fragmentos que descendiam ao fundo do mar para fazer companhia à areia, pedacinhos de mim agora indistinguíveis dela.

Voltando do mergulho, novo tipo de banho, vi ao longe uma garça imóvel e uma onda mansinha prestes a trombar com suas pernas. Achava que ela ia fugir, decerto voar, evitar o choque, mas não. Ela se arrepiou, balançou-se alegre, depois correu serena para a frente, à espera de outra onda, que agarrou suas perninhas do mesmo jeito murcho, meigo. Ah, estava brincando!!! Através da cara brava, aquilo finalmente me fez sorrir.

Eu havia feito a minha parte, estávamos apresentados. De coração farto, observei as ondas mais um pouquinho enquanto recolhia minha reles bagagem, levando agora grudado em mim um pouco do sal e do poder de transformação daquela água, de volta para a natureza domada da cidade.

# POPÓ E O GAROTO DE AZUL

Janaina Micheluzzi

Entra na farmácia uma senhora decidida, com traços orientais e cabelo Chanel grisalho. Vai direto às prateleiras do caixa arrumar os chicletes Trident, que estavam bagunçados. A atendente fala: “Olha aí a Popó! E aí, Popó, chegou mais cedo hoje?”. E se dirige às pessoas na sua frente: “Não dá pra entender nada que ela fala, deve ser chinês!”.

A senhora olha para ela com uma cara muito séria e responde em uma língua que não dá para entender. Abaixa a cabeça e continua falando sozinha na sua arrumação. Popó é determinada, suas mãos parecem dançar quando pegam algum produto e o reorganizam corretamente. Ela não é funcionária da loja, não é remunerada para fazer esse serviço. Outro atendente da farmácia comenta que ela vai lá todo dia, e ao menos uma prateleira ela organiza.

A atendente volta a falar, alto e de forma debochada: “Essa daí ó, doidinha!”, fazendo com a mão aquele gesto em que o dedo indicador chega próximo da cabeça e faz alguns movimentos circulares, indicando que Popó não entende nada, não compreende o que as pessoas falam. Pelo seu silêncio e olhar, percebo que Popó sabe muita coisa.

A moça atrás de mim fala da atendente: “Ao invés de atender, fica de conversa, fala menos e faz mais, né? Que mal educada, deixa a senhorinha quieta, pô!”.

Do meu lado na fila, recebo um enérgico e simpático: “Boa tarde! tudo bem?”, de um garoto de azul. Respondo animada: “Eu tô bem sim, e você?”.

O garoto de azul responde que está bem, apenas espera por sua mãe, que foi pegar um remédio. Para todos que entravam na fila ele deseja

um vigoroso boa-tarde. Alguns não respondem, ou olham para ele de forma indelicada. O garoto de azul é uma pessoa com deficiência. Usa uma toalha para limpar a saliva que escorre de sua boca. Sua aparência é ostensivamente analisada por todos que entram na fila.

Continuamos conversando amenidades, ele comenta do calor que anda fazendo. Está quase chegando a hora de eu ser atendida. Sua mãe chega à fila preferencial, ao lado da minha, e o assunto muda para as promoções da farmácia.

De repente percebo um encontro de olhares entre Popó e o garoto de azul. Ele, mais alto, olha fixamente para os olhos de Popó, que corresponde com as sobrancelhas um pouco mais arqueadas e firmes. Devagar, ela abre um sorriso bonito com seus lábios finos, imediatamente retribuído por outro, um sorriso gigante, que brota nos lábios do garoto de azul.

É um sorriso que transcende as barreiras da simples cortesia, um poema secreto, uma fotografia que brilha diante dos meus olhos. Um sorriso que carrega uma cumplicidade velada entre duas almas que conhecem o julgamento dos outros, almas incompreendidas, “doidinhas”. Analisadas friamente por quem não consegue nem retribuir um boa-tarde.



# ONTEM À NOITE

Jefferson Dantas

Ontem à noite, olhei para o céu e para a lua que, ainda não muito distante do horizonte, ostentava um brilho estonteante. Parecia emitir uma luz própria que cobria os prédios, as árvores e as pessoas como um manto. Um manto quase visível.

Ontem à noite, olhei para o céu e não tinha lua. Havia só uma quase luminosidade escura, cinza. Também não tinha céu, só nuvens. Aquelas grandes, pesadas e carregadas da água que emprestaram da Terra. Água de lagos e rios, suores e vinhos, mares e lágrimas.

Ontem à noite, olhei para o céu e lá estava a Via Láctea. Via de regra, escondida pelo excesso de luzes em nossas grandes cidades. É quase sempre necessário se esconder da humanidade para poder vê-la. Sair para longe dos grandes centros, ir para o alto de morros e montanhas, procurar bons lugares de onde se avistar os bilhões de estrelas que se juntam em ciranda para nosso deleite.

Ontem à noite, olhei para o céu e vi constelações. Vi Escorpião e sua gigante Antares, vi o Cruzeiro do Sul, apontando para onde precisamos olhar no mundo, vi o guerreiro Órion e, em seu cinturão, as populares Três Marias, que só parecem alinhadas por acaso, devido à nossa posição em relação a elas. Mas isso não acontece em relação a tudo o que nos cerca?

Ontem, passei a noite observando o céu, a lua, as estrelas, o espaço e o tempo. O céu noturno nos permite reflexões que nos levam em viagens incríveis, relevantes, profundas. Parece fácil dar importância ao planeta quando olhamos para as estrelas e vemos nossa fragilidade. Ou olhar as grandes distâncias espaciais e nos deparar com nossa

tacanhice. Ou ainda se espantar com a quantidade impressionante de vazio que há no universo e ter que lidar com o vazio que também há em nós. Quando olhei para o céu ontem, senti o conforto de ter encontrado o que precisava para saber viver a vida certa, e acho que todos deveriam olhar esse mesmo céu.

Hoje, a noite olha para mim e vê minhas dúvidas. Mais dúvidas do que as que ela plantou aos poucos sem perceber. E sem eu perceber. Um questionamento infundável, tão infundável quanto infrutífero, da busca de sentido da vida, do porquê da existência, mas que, por fim, é tão divertido quanto assistir a uma comédia romântica ou ver o Botafogo me encher de esperanças no começo do campeonato, ano após ano.

Hoje, a noite olha para mim e não me vê mais perdido em seus astros e estrelas. Hoje nos misturamos uns nos outros, percebendo que somos todos o mesmo universo. Mas não perdemos uma certa identidade provisória. Uma individualidade que me permite perceber as contradições da existência e viver com elas.

# O PAI PEGOU UM PEIXE!

José Luis C. Zanella

Achei estranho meu pai com uma vara de pescar na mão. Às vezes meu pai faz coisa que deve ser coisa de pai. Que só pai entende. Igual aquele dia em que ele usou pão pra colocar fogo na churrasqueira. Eu pensei que fogo se fazia com fósforo, mas meu pai faz diferente.

Será que ele vai fazer fogo com a vara também? Mas ele falou que a gente vai pra praia.

Vi que era mesmo uma pescaria quando ele jogou no mar aquela comida de peixe, pendurada na linha.

Ele queria pegar peixe. Eu, só brincar na água.

Agora não posso me molhar porque ele tá muito ocupado olhando pra algum lugar esperando alguma coisa acontecer e não pode cuidar de mim enquanto nada acontece. Disse que hoje tem que tomar cuidado com o anzol também.

Eu aqui, olhando pra ele e pra vara.

A vara se mexeu. Não sabia que uma vara mexendo deixaria meu pai tão feliz. Vou pedir pro meu pai pegar a vara pra brincar comigo na próxima vez.

Depois de girar muitas vezes a maquininha da vara, o peixe chegou bem perto, e ele pegou.

Meu pai pegou um peixe!

Na mesma hora eu vi o mar ficar menor. O mar ficou mais vazio sem esse peixe. Mas logo encheu.

Em algum lugar do mar deve ter nascido outro peixe, então o mar já não tá mais tão vazio. O mar já tá cheio de novo.

Ihhh... O mar esvaziou... E encheu.

Tem mais pais pescando.

E tem mais peixes nascendo.

Mas tem os pescadores, que tiram muitos peixes do mar. Quando pesca de rede esvazia bastante.

Tem a água da chuva que enche o mar também. Mas aí não é peixe. Será que vale?

Na escola, a professora falou que tem gasolina que vem do mar. Deve esvaziar.

Eu vi na TV que a gente tá jogando lixo, que enche. Nem sempre encher o mar é bom.

No outro canal passou também um surfista numa onda bem grande. O pai dele deve pescar tubarão. E não deve se importar muito com o filho, porque deixa ele brincar no mar sozinho.

Por isso é muito difícil ver mar calmo, tem que esperar todos os pais irem dormir. Aquela foto da praia, que a mãe tanto fala que quer ir, deve ter sido tirada depois do almoço.

A gente também pode falar pra todos os pais do mundo pararem de pegar peixe ao mesmo tempo... Acho que não daria certo, porque pai é teimoso. Sabe de quase tudo. Só não sabe que tem que parar de tirar peixe do mar pra água acalmar. Pra eu poder brincar.

Acho que o mar e o meu pai se entendem. Nenhum dos dois sabe direito qual é a hora de parar. Parece que sempre estão fazendo coisa pros outros. Estão ora longe, ora perto. Ora nervosos, ora nem tanto.

Pensando bem, a vontade de brincar no mar passou. Vou ficar aqui na areia, assistindo. Vou fazer um castelo. Vou torcer pro meu pai e o mar se acalmarem.

# FRAGMENTOS DE UMA VIDA NOTIFICADA

Keila Vieira de Lima

Meu despertador é pontual, de segunda a sexta: às 6h15, ele me acorda. O som do alarme ecoa pelo minúsculo estúdio que aluguei e se espalha pela casa enquanto luto para levantar. Entre uma soneca e outra, trinta minutos se passam. Cada manhã é um esforço maior, uma luta contínua até eu, sem perceber, entrar no chuveiro.

Às 7h10, estou arrumada de forma mecânica, com o café numa mão e o celular na outra. Peço para a Alexa começar o meu dia enquanto penso nas aulas que darei. É quarta-feira, e trabalharei nos três períodos: manhã, tarde e noite. Alexa lê a previsão do tempo, que consulto apenas para conferir a roupa que escolhi. Em seguida, me atualiza com um resumo das principais notícias e a minha lista de afazeres.

Enquanto tomo minhas duas rotineiras xícaras de café amargo, sem nem perceber o seu sabor, e como duas fatias de pão integral com manteiga, me revezo entre mordidas, goles e curtidas em posts supercriativos de café da manhã *low carb* no Instagram. Suspiro, lamentando estar aprisionada numa rotina sem fim e nunca ter feito um desjejum daqueles.

Meu trabalho fica a apenas quatro minutos a pé de casa, mas chego sempre atrasada. Todos os dias acelero meus passos ao me dar conta de que não tenho mais tempo a perder. Enquanto caminho para a escola, o celular vibra sem parar. Notificações de redes sociais, mensagens de cobrança, ligações incessantes e o alarme ainda no modo soneca. Tento resistir à tentação de olhar a tela, afinal estou numa rua movimentada e são apenas quatro minutos.

Ao chegar na escola, cedo à insistente companhia. Abro o Spotify no celular e conecto uma música bem baixinha na antiga caixa de som daquela grande caixa que é a sala de aula. Projeto pela TV os slides que produzi, envio o arquivo de um livro via WhatsApp para meus estudantes, e começamos a ler e discutir os textos. Eles gostam da aula, afinal, eu encontro algum alívio neles e eles em mim. Dar aula de literatura e ser professora ainda é uma paixão, e a interação com eles é minha breve fuga da realidade. No entanto, todos estamos exaustos.

Nosso respiro na sala de aula é interrompido por uma notificação no meu celular, o aplicativo do diário de classe on-line avisa que estou atrasada com o prazo de inserção das redações obrigatórias nas plataformas compradas pelo governo. Estamos numa fase em que precisamos aplicar atividades obrigatórias toda semana para cumprir metas de produção. Fechamos o arquivo em pdf do livro de literatura, interrompemos a leitura de *Rinoceronte*, do dramaturgo Eugène Ionesco, e a humanidade em nós se vê forçada a ceder ainda mais espaço à tecnologia, para provar o desempenho e a eficiência dos novos aplicativos. O ciclo incessante de tentar harmonizar essa rotina com conexões interpessoais, interações face a face, reflexão e imaginação, se torna impossível.

Sinto falta dos meus silêncios, do tempo para analisar as coisas, e fico pensando em como equilibrar a aceleração com a serenidade, a necessidade de respostas rápidas com a ponderação cuidadosa e aquela resposta pensada. Nessa correria, sinto vazios, me faltam a fruição, a contemplação e o clássico ócio criativo. Acho que a solução está naquela velha ideia clichê: buscar a nós mesmos, valorizar os amigos, privilegiar a comunicação com amizades autênticas e viver dentro do nosso tempo, e não nesse tempo imediatista que nos faz arriscar nossas vidas respondendo a mensagens de *WhatsApp* em pleno trânsito.

E na volta para casa, para a solidão do meu apezinho, cercada por companhias digitais, continuo a me consumir. Olho para a estante cheia de livros em que raramente toco, lembrando dos tempos em que mergulhava facilmente numa boa leitura. Penso em como criar mecanismos para resistir a tantas epidemias modernas, mas temo que seja tarde demais.

Novo dia, 6h15, e o despertador toca de novo.

# A SOPA

Ketilyn Almeida

Há alimentos que quando encostam na língua fazem uma ponte aérea até o coração. Às vezes, o nome dessa ponte é safena, mas não nesse caso. Você já deve ter sentido um sabor que te teletransportou para outro local ou época. A isso poderíamos chamar de bruxaria, mas os cientistas inventaram outro termo: memória gustativa.

Essa belezinha pode ser desbloqueada a qualquer momento, quando você menos espera. E é melhor que não espere mesmo, porque nem sempre ela aparece. Aquele chocolate da embalagem vermelha, com os personagens da Turma da Mônica em chocolate branco, não é tão bom quanto era na sua infância. É triste, eu sei, já testei. Você dá aquela abocanhada com vontade, querendo suscitar a memória gustativa, sem nem saber que ela tem esse nome, mas nada acontece. E ainda percebe que arruinou sua infância comendo gordura misturada com açúcar.

Foi por isso que demorei tanto tempo para pedir a sopa de milho verde do Acrótona. Ela estava a um clique de distância no aplicativo de delivery. Confesso que não gostei dessa facilidade. Minha memória gustativa começava no ato de buscar a sopa. Meu pai estacionava o carro na Cruz Machado, no centro de Curitiba, em frente a uma pequena porta de madeira, e me dava o aviso: “Quando eu sair, tranque a porta do carro, não abra para ninguém, em hipótese alguma”. Meu pai sempre gostou de falar bonito. No auge dos meus cinco anos eu sabia o que significa “hipótese”, ou achava que sabia.

Eu cumpria minha parte no acordo, mas me distraía olhando pelo vidro traseiro do carro. Observava dois meninos brincarem na rua, na rua mesmo, aquela em que passam os carros e que eu era proibida até



de atravessar sozinha. Na noite fria curitibana, mulheres com roupas curtas me davam tchauzinho do outro lado da calçada, e eu retribuía o gesto, feliz com minhas novas amigas. Apesar da barriga roncando, gostava quando meu pai demorava.

Depois de alguns minutos, ele voltava com duas sacolas bem amarradas, colocava perto dos meus pés e deixava mais um aviso: “Cuidado, tá bem quente”. Em uma sacola estava o meu pote favorito, branco, fumegante e impossível de abrir. Acredite, eu tentei várias vezes, escondida. O trajeto de 15 minutos até o São Lourenço era longo demais para esperar. A segunda sacola trazia um saco com pedacinhos de pão para molhar na sopa. Mas não aquele pão que vende na padaria. Eram sobras de massa de pizza, com parmesão e orégano. Os pedaços mais macios eram os melhores.

Esta semana decidi vencer meus medos e pedi a sopa de milho verde pelo aplicativo, 15 reais de entrega, um roubo. Mas meu cupom de primeira compra no valor de 7 reais amenizou o drama. O interfone tocou, o motoboy chegou, e em instantes eu estava com o objeto de desejo em minha frente. O pote continua branco e péssimo para abrir, um bom sinal. Ao invés de pegar uma colher para experimentar, pego uma massinha de pizza, a mais fofinha, e afogo na sopa. Chegou o grande momento.

No segundo seguinte, estou no chão da sala da casa dos meus pais, com meu prato apoiado na perna. Afinal, deus me livre de derrubar sopa no sofá da minha mãe. Mas não é só por obediência, eu gosto desse lugar. Na TV está passando uma reportagem com a Glória Maria em algum canto do mundo, minha mãe anota o nome da cidade na agenda telefônica toda rasurada e diz que quer ir pra lá um dia. Já eu, acabei de derrubar um pouco de sopa na minha blusa branca.

# O MAR EM MIM

Lilian Vieira de Miranda

Minha mãe viveu bastante. Da menina que usava tranças até a frágil senhora de 85 anos, muito tempo andou com ela. Destes, mais da metade passou aqui no Paraná, estado que a acolheu e onde formou sua família.

Mas a mãe era filha do mar. Sentia saudade de ouvir as ondas quebrando na praia num lento molejo cansado, já no final do dia. Saudade do cheiro da maresia, do sal das algas e sargaços que, ao chegar às narinas, aguçam os sentidos. O olho da mãe marejava e lá ia de volta ao seu mar. Um bom peixinho frito? Tainhas! Migrantes como a mãe chegam em enormes cardumes. Ólholhó! O arrastão foi “dos grande”. Em estirões de prata, o olho aguçado de filha do mar avistava ao largo. Começava o cerco. Sob a luz, o sol prateava os saltos das viajantes. Ovadas e gordas, pariam no Mercado Público, as pobres. Ostras, berbigões e mariscos fumegantes tirados das pedras quando a maré engole as águas e servidos nos alguidares de barro. Aí, sim. Seus olhos marejavam em azul. Era quase o sentido do banzo que os escravos sentiam na saudade da terra roubada. Era o banzo da mãe, sentido em certo anseio de ver ele, o seu mar.

Então era hora. O pai, também manezinho, dizia: A mãe de vocês tá com “soudade”. Preparava-se a viagem da mãe pra casa. Pro mar. E, assim que cruzávamos a divisa com Santa Catarina, a gente cantava pra ela: “Florianópolis é a capital, vem ver que lindo é seu litoral”, música da propaganda da Varig, enaltecendo Santa Catarina e suas belezas. E todos a bordo do Penha Curitiba-Florianópolis, ao avistar o primeiro mar da viagem, ouvíamos o pai anunciar: Olha o maarr!

Aí, o milagre surgia no sotaque: O “s” virava “x”. “Você” virava “tu”, “viu” era “visses”, e assim aquela nativa fugida voltava a ser a menina da Ilha. Filha de Antonio Vieira, o Seu Neném, português da Cidade do Porto, radicado no Brasil, pescador, comerciante e prático de navios, e de Ormindia Müller, a Dona Moça, descendente de alemães do Vale do Itajaí, que lhe ensinou a arte de “fletar com o mar”, nos bastidores da renda de bilro, renascia. Em um movimento de onda desmanchada na areia e entregue a ele, o mar. Assim era esse reencontrar. Assim era ela, minha mãe.

Menina corajosa, deixou o mar ainda jovem para se aventurar em terras vermelhas no Norte do Paraná. Estudar. Trabalhar. Ser independente. Daí pra frente muita história. Umas felizes. Outras nem tanto. Como deve ser a vida pra ser vivida. Mas o mar, este imenso mar que rodeia a Terra todinha, permaneceu com minha mãe viajante inquieta, até o momento de içar as âncoras de seu barco. Deixou tanta saudade, tantas lembranças, que permanece viva na caligrafia perfeita dos cadernos de receita, cartões de aniversário, anotações curiosas em qualquer espacinho de papel que encontrasse para anotar o que lhe interessava. Dona de aguda inteligência, optou por ser “a” mãe. A mãe do “pai”, a mãe das quatro filhas e do único filho homem, a grande mãe amorosa dos netos e bisnetos, a mãe de seus alunos surdos, a mãe das amigas das filhas que a queriam como mãe. Porque ela era Mar. Aberto em abraço rodeando o universo todinho.

Lendo Mía Couto, encontrei exatamente o sentimento que assola minha alma, diariamente: “Não era ao mar que eu queria que me levassem. Desejava apenas regressar ao colo da minha mãe e que ela me embalasse e eu voltasse a ser menina. Esse era o único mar que eu queria”.

# CASA COM PERSONALIDADE

Lívia Uhlmann

No início da adolescência assisti a um documentário sobre a Marilyn Monroe que culminava em uma investigação sobre sua morte. Uma das coisas que a polícia notou em seu quarto é que não havia nada pendurado nas paredes, e que isso poderia ser um sinal de depressão. Olhando as paredes vazias do quarto dela, tive a sensação de que, sem pendurar nada pela casa, parece que você não quer se demorar naquele lugar, não pertence a ele e está só de passagem.

Sempre pensei que a nossa casa precisa ter personalidade, por mais que seja alugada, isso não deve ser uma desculpa para não dar a ela uma identidade. Recentemente me dei conta de que jamais terei uma casa chique, primeiro porque não tenho casa própria onde investir, segundo porque não tenho o que investir, terceiro porque as casas chiques são muito entediantes. Elas estão cada vez mais retangulares, *off-white* e marmorizadas. Cadê o colorido das casas dos filmes do Almodóvar? Um sofá roxo, cadeiras desiguais, tapetes estampados e sei lá, um fogão amarelo?

De vez em quando, rompo todos os protocolos curitibanos e convido os amigos para a minha casa. Por incrível que pareça, eles aparecem. Ao entrar no meu apartamento surgem comentários, como “Sua casa é a sua cara!” e “Como é aconchegante o seu apartamento”. Meus móveis são de baixa qualidade, mas ficam disfarçados pelo tanto de bugigangas dispostas em cima deles. Globinhos de cidades ao redor do mundo, uma lhama peluda chamada Moneda, bonecas russas avermelhadas e uma infinidade de cacarecos que, na hora de tirar o pó dos móveis, me deixam meio arrependida.

Nas paredes, uma fotografia de um cachorro xereta olhando pela varanda de um apartamento, um quadro em preto e branco de garotos saltando no mar do Haiti, um violão pendurado. Sobre cada uma das peças em que as visitas reparam, eu conto uma história. “Essa foto, o meu amigo da pós fez com uma câmera analógica e me deu no meu aniversário de 30 anos”. “O quadro é de uma amiga fotógrafa, fui uma das primeiras pessoas que pagou por um trabalho dela, o que, segundo ela, fez com que se sentisse uma profissional”. “Esse violão se chama The Edge, e eu o ganhei de um amigo quando ele foi morar fora do país”. É como se cada item presente em minha casa fosse um botão que aciona uma história e, quem não quiser ouvi-la, favor não reparar em nada.

Um dia, uma amiga trouxe para mim, diretamente de Prudentópolis, uma pêsanka. Trata-se de um ovinho pintado à mão, tradição ucraniana que representa o renascimento. Ela me disse que também queria estar presente em minha casa, como meus outros amigos. Talvez se perguntasse se eu contaria histórias sobre ela quando alguém acionasse o botão comentando sobre aquele objeto, e foi justamente o que aconteceu. Ainda mais que, para deixar a casa com uma personalidade afrontosa, coloquei o ovinho ucraniano bem ao lado das bonecas russas.

# É O CARRO DO SONHO

Lorenza Vieira

E se eu pudesse comprar o meu sonho, pensei, enquanto ao longe o carro passava. E mais, e se eu pudesse escolher seu sabor, doce de leite ou goiabada? Será que teria problema eu gostar de sonho sem recheio, Querido Diário? Como demorei demais, o carro passou, junto com meu sonho, com recheio e tudo, e agora só amanhã, ou semana que vem, quem sabe.

E quando o carro passar, estarei pronta, preparada, mão na carteira, sem reunião? Se sim, descerei apressada, e dessa vez pretendo, sem tropeço, alcançar e decidir, sim, é sem recheio mesmo que eu vou levar. E se eu pudesse comprar qualquer sonho, Querido Diário? Compraria ou deixaria passar? Correria apressada, sabendo que poderia alcançá-lo, ou viveria no eterno e-se-eu-alcançasse?

Notei que ouvir o áudio daquele carro se afastando é todo dia me afastar do sonho, que eu não alcancei pois não desci apressada e não deixei a reunião pra trás. Quando eu vi passou, o de nata também, e eu não pude escolher, estive ocupada demais nos últimos dias.

Lembro de um dia bom, quando eu comprei, venci a indecisão, eu comprei meu sonho, escolhi seu recheio, não corri, o carro estava parado, e eu, no fluxo do movimento, me agarrei ao sonho, dei o que era necessário e saí altiva com a minha sacola de sonhos. Eu não dividi, Querido Diário, todos eram valiosos e meus demais, todos os sonhos um por um a me lembrar da minha decisão, eles me custaram muito, são meus, muito meus.

Penso em um dia não deixar mais passar, será que sonho demais faz mal? Os médicos, com certeza, diriam que sim. Eu digo que não,

Querido Diário, acredito que faz mais mal deixar os sonhos passarem, todos os dias, sem perceber. Apressada demais, ocupada demais, com e sem sonhos demais, esse seria o diagnóstico.

“Sonhos de nata, doce de leiteeee”, é agora, estão passando, se você não fosse um Diário, com certeza te convenceria, mas como é, basta me convencer, não é só mais um sonho, e ele está passando, vamos descer?

# ENVELHECER

Maísa Cardoso

Perdemos o grande Ziraldo, recentemente, aos 91 anos. Envelheceu bem, li num jornal. Sempre cheio de atividades. Só no fim da vida, mais lento devido a uma doença, não podia mais desenhar, comentaram. Penso nesse enigma que é envelhecer. Explico. Ando pensando nisso por conta de minha mãe, que mora a 600 quilômetros de mim, no Norte do Paraná. Escrevo movida por uma lembrança com ela. E a culpa é do Google fotos e suas recordações. Fotos e vídeos emergem, nesta minha sexta-feira, me transportando de volta para aquela cena: minha mãe com 80 anos, na praia, rodeada de minhas irmãs.

Voltando no tempo, muita expectativa de todos para a viagem, especialmente da minha mãe. Era a sua primeira vez na praia. Uma senhora desacostumada a prazeres desse porte. A carestia do passado não lhe permitiu tal experiência e hoje já não desejava o que não conhecia.

Agora, filhos crescidos decidiram levá-la para as férias. Envelhecer tem disto: você não tem mais vontades, alguém as tem por você. De início, não queria, hesitou e disse que passaria mal. Não estava bem e “pra que inventar essas coisas? E se ficasse doente na viagem?” Afinal, 700 quilômetros de estrada não eram pouca coisa para uma senhoriinha doentinha — lembrava a todos em tom de sabedoria. Uma voz praticamente inquestionável na família. A verdadeira matriarca.

Seus netos pequenos, lembro, não eram de brincar com ela, nem de lhe fazer maquiagem borrando batons e blushes — “isso seriam modos?”, diria minha mãe, com certeza. Eu e meus irmãos conhecíamos bem essa educação: só de nos olhar, sabíamos o que fazer, desaparecer da sala e esperar a visita ir embora. Só então saborear o bolinho que



nos seduzia junto do café preto servido com bonança na mesa com toalha bordada. Coisas do interior.

Idosa, não mais fazia valer a sua poderosa mão firme. Com passos curtos e lentos, dirigiu-se resignada para o carro. Era uma longa viagem. Resistiu bravamente e não quis pregar os olhos. Acompanhou o trajeto que, à medida que encurtava, crescia na sua expectativa de conhecer o mar. Talvez pudesse molhar os pés. Quem sabe? A água é fria demais. Iria resfriar. As cadeiras coloridas no porta-malas iriam lhe garantir algum sossego. Envelhecer é isso: você está sempre preocupada, querendo ou curar ou evitar um resfriado. Naquele passado, o medo e a hesitação daquela senhora mãe ante o inevitável.

Dou um zoom na imagem, dou play no vídeo gravado por mim, e o momento registrado é outro. Os olhos pequenos da mãe estão semiabertos para barrar o sol de gema que brilha no alto da praia paranaense de Ipanema. Minhas irmãs caminham com ela em direção ao esperado mar. “Só mais um pouquinho!”, anunciam ao cansaço das pernas da mãe.

Os olhos dela se acendem, querem se abrir mais para ver a novidade. As ondas vão e vêm. Mas é preciso sentir. Ver é pouco. Observo e gravo sem falar, não quero alardear seu medo.

As irmãs a seguram, mantendo o equilíbrio já frágil. O “pode entrar” inaugura a água fria e espumosa abraçando os pés da matriarca, que se principia no desconhecido. Marolinha delicada, gentil com a senhorinha na praia. Avançam um pouco. O sol escaldante é um convite. Adentram devagar. O cuidado é grande como o mar...

“Vamos sentar?”, diz uma de suas filhas.

“Sim, melhor.”

Nas águas traiçoeiras do mar, segurar uma senhora mãe é mais difícil. Sentam na areia e observam a água gelada chegar. Minha mãe

estranha, mas a onda é pequena e tranquila. Vai tateando aquela maravilha. Vez ou outra exclama: “Meus Deus, que grandeza! Que perigo!”

As ondas voltam, mais fortes, potentes, com suas mãos líquidas e firmes, e as agarram. Não há o que fazer, só ceder. Caem na água, tomam um caldo e conseguem se levantar rapidamente. E a mãe? Com as mãos no rosto, batizada de areia e mar, no raso, o riso é solto. A gargalhada da matriarca ressoa alta e forte na roda de irmãs. Essa é a cena que revejo. Uma cena praticamente desconhecida para nós. A alegria de uma primeira tarde no mar reluzia naquela senhora como um sol de verão.

Continuo pensando no envelhecer. E mais uma vez penso no maluquinho Ziraldo. Em sua obra *O menino mais bonito do mundo*, de 1983, ele me diz: “O tempo passou e cada manhã ensinou para ele que era bom ver as coisas, todas as vezes, como se fosse a primeira vez”. Talvez seja essa a resposta. Assim se passou aquele verão memorável.

# SABEDORIA FELINA

Maria Luiza Menegazzo

Sempre amei os gatos. Sempre estive, desde a infância, em sua companhia e os acho animais muito interessantes. Hoje tenho comigo três, o que me nomeia tutora, embora no duro, no duro mesmo, eu é que sou a tutelada pelos seus muitos caprichos.

Curiosos, pouco ou nada escapa aos olhos atentos dos felinos. Por uma sutil alteração no ângulo de suas pupilas, estreitam ou dilatam seu campo de visão na direção daquilo que lhes interessa, orelhas movendo-se como radares atentos ao mínimo ruído. Perscrutam, analisam, vão em busca. Tudo que os rodeia deve estar devidamente reconhecido para que voltem a estar quietos. Isso, se o que virem lhes agrada; não agradando, afastam-se e espreitam de longe, distanciados e inalcançáveis. Sabem bem o que querem, os danados!

Gosto de vê-los ao sol, subindo ligeiros em lugares elevados, às vezes inacessíveis, estratégicos, porque prezam seus momentos de isolamento e se dedicam a si mesmos com afinco. Aliás, tenho pra mim que nada representa mais a preguiça do que um gato sob o sol, bem enrodilhado ou esparramado pelo chão, curtindo a vadiagem com gosto e elegância ímpares.

Ledo engano de quem afirma que os gatos são seres interesseiros e que não têm amor a seus tutores (gostam mais é da casa, dizem). Não. Gatos são amorosos e fiéis. Nada mais doce que a entrega desses bichos aos afagos, olhos semicerrados, aquele ronronar sedutor que quase nos obriga a lhes dar atenção total. Afáveis, exigem que nos rendamos a eles, enroscando-se em nossas pernas e invadindo nosso colo. Mas que não se espere dos gatos a servidão. E nisso reside minha imensa

admiração por eles, bem como, penso eu, a grande animosidade da maior parte das pessoas.

Inútil pretender que façam o que não querem. Se não quiserem interromper a sesta para recebê-lo na porta, apenas olharão à distância, olhar morteiro, como quem diz “oi, então já chegou?”, cientes de que a boa relação garantirá que as mesuras e carinhos terão seu momento assegurado. Não, não são servis, mas são leais, sobretudo à própria natureza. Se gostam, está claro, se não, também não deixam dúvidas.

Amo os gatos porque me fascina essa autonomia, esse dar-se sem culpa, quando desejam. Pudessem as pessoas apreender essa lealdade a si mesmas, também poderiam abandonar os ranços, mágoas e cobranças que regem grande parte de suas relações. Dar-se quando quiser, para dar seu melhor. Fôssemos mais honestos com os próprios sentimentos, agindo conforme o próprio desejo, seríamos mais donos de nossos atos, sem a pretensão de sermos imprescindíveis e sem os imobilizantes laços de dependência afetiva.

Observá-los me faz buscar ser coerente com a minha vontade, minha verdade, enfim despida das roupagens que outros me deram. Também me faz voltar meus radares pros sons do meu íntimo, como o gato na janela, beneficiando-se da luz e do estar consigo. Aspirar ser livre, mantendo em tudo a ternura, a doce substância que me permita estreitar ou dilatar as pupilas no olhar sobre a vida. Firmemente comprometida com tudo que é meu, sem imputar atribuições inúteis às pessoas ao redor, ou a encargos emocionais que não lhes cabem.

Seguir pela vida como um gato, com suas certezas, escolhas decididas, independência e autonomia, mas também com suas manhas e manias, na direção dessa sabedoria felina, simples e descomplicada.

# DENGO

Maurício de Olinda

Abanemo-nos. Desse mosquito. Dessa agrura da vida. Dessa praga. Do fim da picada. Desse vírus. Do adoecimento. Do medo.

Vivemos a ameaça da proliferação desenfreada. A lógica de multiplicar a espécie é um desastre anunciado e, na perspectiva do mosquito, o amor venceu o medo. Por todo canto. Ouvi que até em Buenos Aires os passos ritmados do tango estão sendo trocados pelo chacoalhar-se todo, estapear-se, abanar-se.

Peguei um danadinho desses com a minha mão. O golpeei e ele caiu, desacordado, inteirinho. Em câmera lenta. Estiquei a mão, fechei o punho, o surpreendi e o fiz descer desmaiado, entregue à resistência do ar, despencando lentamente até o chão. Meu golpe decerto foi o suficiente para matá-lo de susto. Então, cheguei bem perto para analisar. Era ele. Era mesmo. Listrinhas brancas, zanzando, em pleno meio-dia, parecia usar pijaminha.

Exponho minha captura científica nas redes sociais. Uma foto. O *Aedes* inteirinho. Como em *rigor mortis*, no azulejo. É ele mesmo, de pijaminha, respondeu La Doctora. Ela, *La Doctora en causa*. Do outro lado da tela. Sabe tudo e não a questiono porque a desejo. É uma violenta onda de dopamina quando recebo um coraçãozinho. Uma interação, então? Um comentário? Uma curtida, uma compartilhada, nossa! Será que a convidou para um encontro real? Seria ela a portadora do felizes para sempre?

Muitas respostas na caixinha de mensagem. Todos acusando a veracidade da suposição. Ah, mas pense em como fiquei alarmado! Nunca peguei dengue, tampouco vi um *Aedes*, assim, logo a me rodear. Na cidade

de São Paulo são cerca de 30 mil casos por semana. Mil poderão cair ao meu lado; dez mil, à minha direita, mas nada me atingirá. Mentira!

Passo repelente e dê uma olhada nos vasos de flores, outra mensagem de La Doctora. Para vencer o amor do mosquito precisamos radicalizar o desamor por ele. Maximizar o amor ao nosso próximo. Para vencer o mosquito é necessário estar atento, forte e olhar os vasos, inclusive, olhar as flores.

Encontrei com um vizinho no elevador. Boas tardes. Depois, um abano e... O quê?, perguntou o homem surpreendido por meu sacolejo, e lhe expliquei: É o *Aedes*. Saímos assustados do elevador e o mosquito sumiu. Será o benedito que estava enganado e promovi um escândalo à toa? Estou neurótico? Quando, vapt, o apanhei, na pegada, no ar, estou ficando bom nisso, o danado, esmagado na minha palma e a estiquei pro sujeito. Ele mudou a fisionomia e coçou a careca. Disse que trabalha em uma empresa de obra e que o rapaz que fica no caminhão andou pegando, estava há um tempão acamado. Mas vinha melhorando. Deus me livre, desabafei.

Nem todo mosquito *Aedes aegypti* está contaminado, mas qualquer um pode estar. La Doctora, novamente. Meu post já contava com várias curtidas, bem mais que mereço. As pessoas interagindo, diziam: É sim, é ele, é o *Aedes*. Os corações saltando em minha tela. Fiquei eufórico, com certeza. Comentei no trabalho. Outras pessoas também mataram. De listrinha, pijaminha. A conversa chegou no ouvido do meu chefe que decretou: Todos os mosquitos são *Aedes*. Agora, voltem ao trabalho.

La Doctora foi picada pelo bicho da formosura, para todos os filtros e efeitos, por isso é tão esplendorosa. Os dias passam e uso repelente. Até que as curtidas e interações vão diminuindo como palha virando cinzas. Seria uma coqueluche ficar doente, doente, chego a pensar.

Vou esquecendo o alarde. Enquanto mudam os dias, as luas e as fotos de academia.

# O CATAMARÃ, O CÃO E EU

Melissa Sapatini Guedes

Já passava das dez da manhã quando avistei o catamarã se aproximando da praia. O mar estava calmo, o sol brilhava forte e as nuvens que antes deixavam o céu emburrado haviam se dissipado com o vento que chegava do sul. Ao meu lado, somente o cão que teimou em me seguir até a areia. Ele, que vagava pela rua procurando alguém que lhe desse comida, abrigo e a atenção que tanto merecia. Eu, que naqueles dias tinha preferido o isolamento e o silêncio para acalmar a tempestade interior que se formou em mim com a notícia de que logo precisaria começar o tratamento.

Éramos só nós: o catamarã, o cão e eu. Em silêncio, à deriva, contemplando a imensidão daquele mar que já havia sido cenário de tantos naufrágios e batalhas navais e que, naquele instante, simulava calmaria.

Eu olhava para as ondas que quebravam repetidamente e pensava no quanto aquele movimento infinito era perfeito. Era como se alguém soprasse com toda força e precisão necessárias para que a água recuasse mar adentro. Depois, relutante, a água teimava em voltar, trazendo consigo o dobro da força recebida naquele sopro.

Depois de quase uma hora de contemplação, o sol, que antes aquecia minha pele a ponto de me causar calafrios, agora fazia com que minha transpiração se intensificasse. Dos poros, me brotavam gotas salgadas que poderiam se confundir com o sabor do mar. O cão, que parecia hipnotizado pelo vaivém das ondas, ergueu as orelhas e se firmou em posição de alerta. Era como se tivesse captado um sinal até então inaudível para mim. Algo que somente ele poderia identificar.

De repente, do catamarã surgiram vozes e gargalhadas anunciando o fim daquela tranquilidade. Um casal deixou o convés em direção à proa. Ela ia na frente, segurando o chapéu para não voar com o vento. Ele, logo atrás, carregava uma garrafa que poderia ser de champanhe. A gargalhada dela ressoava na praia deserta e quieta. Ela se sentou no deck, ele abriu a garrafa para servi-la.

Naquele momento, olhei para o cão, que, assim como eu, os observava atentamente. Éramos nós dois, na areia, os únicos a testemunhar aquela cena que, à primeira vista, lembrava um filme romântico. Percebi que ele também estava ansioso pelo próximo ato.

Fechei os olhos por um instante e tentei imaginar o que viria depois. Um beijo? Os dois se atirando ao mar para um mergulho? Pensei em diferentes desfechos, todos felizes. Afinal, o dia e a paisagem eram propícios para histórias com finais inspiradores. Abri os olhos e me voltei novamente para o cão. Mas ele não estava mais por ali. Partiu silencioso, sem deixar rastros. Olhei para o catamarã e o casal também havia desaparecido. Onde será que estavam? Voltaram para o convés? Atiraram-se ao mar? Não conseguia avistar mais ninguém.

O catamarã calmamente começou a se afastar da praia e, pouco a pouco, foi sumindo no horizonte. À medida que o sol baixava, ele se distanciava ainda mais, até desaparecer por completo.

Olhei para o mar, para a praia e ali estava somente eu. Sem o cão, sem o catamarã, somente eu. A brisa que antes refrescava o ardor do sol, começava a me causar arrepios de frio. A sensação de estar só diante daquela imensidão era simplesmente avassaladora. Restou a mim recolher as coisas e seguir caminhando. Quem sabe não encontraria o cão por aí, para me fazer companhia?



# SONHO SOZINHO

Renan Valentim

Fiz minha mãe chorar outro dia. Choro bom, fruto de um sentimento bonito. Ela chorou porque eu realizei um sonho. E chorou porque eu realizei o sonho sozinho. Mesmo confuso, a abracei. Entre lágrimas e risos, perguntei a ela:

— Mas você está chorando porque eu realizei o sonho sozinho? E não porque eu o realizei?

Afinal, na minha cabeça aquilo não fazia sentido. Era algo extremamente normal. Tive vontade, dinheiro e realizei um sonho. Não tinha nada de mágico naquilo de estar sozinho, era apenas um mero detalhe, uma consequência. A grande mágica estava no sonho e no ato de realizá-lo, transformar a vontade em verdade. Dentro do meu abraço, com seu rosto em meu peito, ela respondeu:

— As pessoas têm medo de fazer coisas sem a companhia de alguém. Você não teve, e fico contente com isso.

Essa resposta, que saiu da boca de minha mãe com facilidade, virou morada em minha mente. Fincou raízes em meu subconsciente e me assombrou por semanas, sussurrando “sozinho” nos tons mais sombrios que poderiam existir. Afinal, ser sozinho é ser solidão. E solidão é um final triste de filme, fruto de um sentimento chateado. Choro ruim, que eu não gostaria de ser. E muito menos Caetano Veloso, que, num questionamento cantado, sofria por ser sozinho. Na famosa versão que fez para a canção de Peninha, ele sonha acordado, imaginando um “nós” que agora só existe em memória. O sozinho é uma consequência, não um desejo. Coitadinho. Perdeu o antes, o agora e só ficou com o depois. Só.

Mas desde quando sonhar acordado é consequência? Não seria, na verdade, um privilégio? A maioria das pessoas só sonha no sono. E tem aqueles que nem dormindo sonham. Só veem uma imensidão preta, sem fim. Não tem filme, nem uma novela da própria mente, apenas um breu. Logo, quem sonha acordado é sortudo, não é? Sonha duas vezes, às vezes até mais. Logo, se para sonhar acordado é necessário estar sozinho, a sentença não me parece tão ruim.

Claro, não sou hipócrita. Sei, sim, reconhecer a beleza de partilhar a vida. Ter um xodó pra chamar de seu, um ombro amigo onde se deitar e lábios onde colar seus lábios. Muitas coisas são feitas para serem realizadas a dois, até as mais banais. Conta conjunta, perfil de casal nas redes sociais e até banco de montanha-russa. Sempre tem espaço pra dois. Se você for sozinho, vai ter que segurar a mão de um estranho. No entanto, até os mais fervorosos românticos precisam aceitar que nascemos para ser apenas um só. Um CPF, um salário, um caixão. Mórbido, mas só se você deixar. Afinal, eu confio que existam mais titias tranquilas por aí do que casais que realmente alcançam o “felizes para sempre”.

Logo, o sussurro fantasmagórico que habitou minha mente por tantos dias se tornou um questionamento reconfortante. Achei conforto em quem eu sou. Consigo escutar meus próprios desejos, sem precisar de um outro ouvinte. É uma delícia ser solto. Ser sozinho é curtir o silêncio, ficar com a melhor parte da sobremesa e assinar uma crônica com seu próprio nome. Até mesmo quem tem seu par reconhece isso.

Uns dias atrás, num domingo frio e preguiçoso, minha mãe decidiu se arrumar para sair. Apenas ela, sozinha. Iria numa palestra sobre um tema que ela achou interessante. E não, não me convidou, nem meu padrasto e nem meus irmãos. Iria ela, e apenas ela. Não chorei, mas poderia. E se chorasse, seria um choro bom, fruto de sentimento bonito.

# AZUL

Rita Delamari

Assim do nada, minha filha aprendeu a pintar. Sem fazer curso, sem qualquer instrução. Autodidata, começou a pintar lindos quadros. Gosto de todos, mas tenho um favorito. Foi pintado numa tela de algodão de 40 por 30 centímetros, com camadas de gesso acrílico.

Eu sempre a via rabiscando seus cadernos ou papéis sulfite. Assim criava os seus desenhos. Para incentivá-la, passei a comprar telas, de diversos tamanhos. E para a minha admiração — e pela criatividade, que lhe é peculiar —, minha filha começou a utilizá-las, dando início à criação de belas obras de arte. Mãe coruja que sou, achei o máximo. Fiz grandes elogios a ela, a incentivei para que continuasse. E assim finalizou alguns quadros. Um dos quadros que pintou, lembrou-me Van Gogh — em seus azuis e amarelos. Ela gosta da diversidade de cores. E por gostar tanto de azul, a sua cor favorita, faz uso dela nas suas obras. Percebia-se, em sua técnica, a utilização de tinta para tecidos. Por vezes a dissolvia na água. Certa vez me disse que Da Vinci a utilizava em seus trabalhos. “A água é a força motriz da natureza”, dizia ele.

Talvez por isso, o seu quadro, aquele meu preferido, seja tão, tão azul, que a mim fascinou. Nele não podiam faltar o mar e seus elementos. Portanto, o quadro tão, tão azul, é para lá de inspirador — um mergulho literal. Ele possui um fundo todo azul, com sombras e traços brilhantes de água, como se o sol estivesse se refletindo nele, através da superfície. E, pasmem vocês, a figura principal do quadro é uma água-viva, nas profundezas do oceano. Um animal marinho que não é dos meus favoritos... Perguntei-me: de onde ela se inspirou?

A curiosidade tomou conta de mim. Então ela me disse:

— Às vezes, quando medito, é como se eu caísse dentro do oceano, e nesta imersão vejo criaturas marítimas.

Águas-vivas se apresentam sob diversas formas e cores. A do quadro tem um corpo gelatinoso e medusoide (em forma de sino), a “cabeça redonda” e muitos tentáculos, abertos como se estivessem em movimento. E é como se ela desaparecesse, misturando-se às águas. O quadro possui pequenas pinceladas de marrom, rosa e amarelo. Porém, predominam, em toda a sua extensão, vários tons de azul.

Logo que o vi pronto — eu, que tenho paixão pelo mar —, fiquei impressionada pela sua vivacidade. E também pela riqueza dos detalhes de um quadro que não nos oferece paisagens, casas ou pessoas, apenas o fundo do mar e uma água-viva: bichinho de que não tenho boas lembranças. Uma delas é a de ter ido parar no hospital. Gosto mesmo é das arraias.

E de tanto falar desta obra de arte e não me cansar de admirá-la, para a minha alegria fui presenteadada com ela. Eu já havia ganhado muitas coisas da minha filha, em dias de aniversário. Mas um quadro, em data inesperada, pintado por ela?

Agora, ele fica no meu quarto, ao lado da minha cama, em cima da minha escrivaninha. O meu lindo *Quadro azul*: é como eu o chamo. E muitas vezes eu me vejo a olhá-lo, demoradamente, apesar da água-viva. E me inspiro a escrever.

# CHOCÓLATRA

Rose Farago

Quando eu era bem pequena e ficava com olheiras fundas, minha mãe me dava doces e as olheiras iam embora, feito um passe de mágica. Inconscientemente, acabei associando o chocolate à felicidade e, assim, o vício se instalou, contente.

Quando novinha, eu era ingênua e sonhadora, adorava Sonho de Valsa e Serenata de Amor. A Páscoa era a época mais esperada do ano, até mais do que o Natal, porque era a certeza de ganhar aquela cesta bem sortida e recheada de chocolates gostosos. Escondia-se a cesta e, quando a encontrávamos, nossa alegria era visível.

Quando fiquei mocinha, conheci o Amor Carioca. Depois o tempo passou, e aprendi a fazer trufas de chocolate, bolos e cookies, ovos de Páscoa e chocolates refinados. Meu Amor Carioca me apresentou o Alpino e foi amor à primeira vista, ou melhor, à primeira mordida...

Ele sugeriu que eu fizesse um bolo de cenoura com cobertura de Alpino, fiz uma ganache e ficou divino, muito melhor do que aquela cobertura quebradiça de Nescau com açúcar. O gosto foi se sofisticando.

Depois de adulta, tentava me curar, fazer dietas, mas vinha sempre o Amor Carioca me falar:

— Come um docinho, você fica tão tristinha sem ele.

E lá caía eu em tentação novamente.

Sempre preferi Dois Amores ao Brigadeiro, nunca fui fiel mesmo, só às minhas memórias afetivas.

Acabei viciando filhos e netos, *so sorry*.

Hoje sou madura e mais comedida. Inventaram o Bis Black e foi paixão verdadeira. Hoje sou BIS por toda a eternidade...

BIS avó!

Passado o choque inicial, agora é só alegria. Fiz até um haikai para marcar o momento:

*Filhos maiores amores do mundo*

*Netos amor ao quadrado*

*Bisnetos amor ao cubo*

Não o conheço ainda, só por fotos, mas já estou apaixonada, como não amar? Mas em setembro estou indo conhecê-lo pessoalmente, em Las Vegas, onde ele mora. Estou muito ansiosa. Afinal, é um privilégio estar viva, com saúde para curtir muito esse bebê, sangue do meu sangue.

## À PROCURA DE UM PAR

Sabrina Freitas

observo de longe, na esquina do cruzamento, quatro homens ao redor de mesas improvisadas com caixotes de madeira, enfeitados com rosas vermelhas. ao me aproximar, percebo que não são apenas rosas que preenchem aquele espaço. ali estão também cestas de presentes com ursinhos de pelúcia, chocolates e orquídeas de plástico, tudo estrategicamente disposto para atrair os olhares dos apaixonados ou dos desavisados. é 12 de junho. trata-se de uma ação de vendas para o dia dos namorados.

quando o sinal fecha, o amor e o status conjugal de cada motorista são colocados à prova. e aí, parceiro! uma rosa pra namorada? chegar de mãos abanando em casa hoje não vai dar. não, hoje não, obrigado. se não levar, vai ficar solteiro, hein? a insistência é clara: a flor vai é sair barata, parceiro. é investimento.

eu gosto de pensar na construção da abordagem da venda. apresentar a lojinha aos motoristas e transeuntes, evidenciar (caso alguém tenha conseguido esquecer) o dia dos namorados, oferecer a flor e condicionar a posse dela à garantia de um amor. não quis? pois bem. receba uma praga. quase um baile dançado à moda de amor e pressão.

se aos apaixonados cabe ceder às flores e às mais deliciosas e bregas declarações de amor, me parece que aos solteiros, por outro lado, cabe um pronunciamento, uma afirmação, uma atitude (ou a maldição de um vendedor). digo isso porque mais cedo, antes do trabalho, numa briga de rua de dois sujeitos claramente alterados, ouvi de uma mulher, aos berros: *no estoy sola. mi autoestima es del tamaño del edificio más alto del mundo, que está en dubai.* enquanto pensava se essa informação era

mesmo verdadeira (descobri que é), ela complementou: *y él es rotatorio*. gostei do adendo. não só a autoestima do tamanho de um arranha-céu, mas a de um arranha-céu que gira. não é pouca coisa.

enquanto escrevo, observo o menino brincar. sua atenção, completamente alheia ao dia dos namorados, está voltada aos seus brinquedos, ou melhor dizendo, a tudo que ele toma como um brinquedo. ele se agacha e examina minuciosamente cada um deles como um caçador. na mira? brinquedos que têm ou podem ter pares e que ficarão com ele por horas e horas, segurados por suas mãozinhas, em gestos repetitivos.

se não há parezinhos idênticos, então a preocupação passa a ser formá-los. ele define o gênero que une um objeto a outro e segue em frente. se há uma casa e um arranha-céu, pronto. um boi e um cavalo? mesma coisa. quase nunca um arranha-céu com um passarinho, um sapato com uma bola. sapatos só servem para brincar se forem como um parzinho... a busca por galhos só termina quando ele realiza a curadoria e chega aos mais parecidos. é raro, mas às vezes ele une coisas radicalmente diferentes. nesses casos, não reconheço o gênero que ele adota como critério, mas aposto que ali sempre há algo consistente.

e assim, a vida segue, o menino balançando repetidamente os seus parezinhos e o mundo girando como um prédio rotatório. me parece que tanto as brincadeiras quanto o amor exigem mesmo alguma atenção.



# POSFÁCIO

## A CRÔNICA E O ESPÍRITO DO TEMPO

*Francine Cruz*

Após dois anos de sucesso contemplando os gêneros romance, poesia e contos, o projeto Ampliando Horizontes, em sua terceira edição, em 2024, abre as portas para a crônica, que, como diz Antonio Candido, é o gênero que fica perto de nós, “ao rés-do-chão”, servindo de caminho para a vida e para a literatura.

Ouso dizer que essa abertura se alinha a um certo *zeitgeist* (espírito do tempo), que faz com que, neste mesmo ano de 2024, o grande homenageado da 22ª Feira Literária Internacional de Paraty (FLIP) — um dos maiores eventos literários do país — seja um cronista, o brasileiro João do Rio (pseudônimo de Paulo Barreto).

Ainda no *zeitgeist* de 2024, temos como um dos semifinalistas do Prêmio Oceanos — um dos prêmios mais importantes da literatura de países de língua portuguesa — o paranaense Luís Henrique Pellanda, ministrante da oficina de crônicas que gerou este livro. Dessa forma, os participantes tiveram a oportunidade de aprender com um dos melhores cronistas do país.

Com João do Rio e Luís Henrique Pellanda, 2024 une o clássico e o contemporâneo do gênero crônica, brindando-nos agora com este livro, que apresenta ao público 23 novos cronistas: Anelisa Martin

Batista, Daniel Krüger Montoya, Fernanda Leal, Fernanda Ribeirete, Flávia Cé Steil, Gregory Rossi, Jady Torralvo, Janaina Micheluzzi, Jefferson Dantas, José Luis C. Zanella, Keila Vieira de Lima, Ketilyn Almeida, Lilian Vieira de Miranda, Livia Uhlmann, Lorenza Vieira, Maísa Cardoso, Maria Luiza Menegazzo, Maurício de Olinda, Melissa Sapatini Guedes, Renan Valentim, Rita Delamari, Rose Farago e Sabrina Freitas.

E, por falar em tempo, a própria etimologia da palavra “crônica” tem origem no grego *chronos*, que significa tempo. Ou seja, os textos desse gênero têm uma relação direta e indissociável com o contexto em que são produzidos e com “a vida como ela é” para citar o genial Nelson Rodrigues.

Sendo assim, vemos nesta coletânea que, embora variados em sua temática, os textos exploram a relação com a efemeridade da existência, com o dia a dia e suas banalidades e com as experiências universais e, ao mesmo tempo, singulares, vividas por cada indivíduo. A relação entre o homem e a natureza, especialmente o mar, é um tema recorrente, assim como a ancestralidade e as relações familiares. Algumas crônicas também abordam temas sociais de forma crítica.

As referências, desde os grandes nomes da literatura e das artes até os ícones pop, estão presentes em diversas crônicas, como nos “olhos de ressaca” de “A capitã”, na “metamorfose ambulante” de “Lado B”, no título de “Mozarts Assassinados” (que também cita Antoine de Saint-Exupéry no corpo do texto), no ler Mia Couto em “O mar em mim”, no documentário sobre Marilyn Monroe, nos filmes de Almodóvar e no violão batizado de The Edge em “Uma casa com personalidade”, no recordar o já saudoso Ziraldo em “Envelhecer”, na referência à música de Peninha, interpretada

por Caetano Veloso, em “Sonho sozinho”, e nas alusões a Van Gogh e Da Vinci em “Azul”.

Por fim, vale lembrar que, se a crônica reflete a vida num breve espaço de tempo, esse tempo passa a ser eterno quando imortalizado em um livro. Celebremos então a rica diversidade de lugares e vozes presentes nesta coletânea!

**Ampliando  
Horizontes:**  

---

**Poesia *e* Ficção**

## Marcio Renato dos Santos

Coordenador pedagógico e editor, autor de 11 livros de contos, autografoou a sua mais recente coletânea de breves narrativas, *Maestro sem orquestra*, no dia 8 de junho de 2024 na Livraria Telaranha, na capital do Paraná. O curitibano é Mestre em Estudos Literários pela UFPR, idealizador e coordenador pedagógico desta proposta. Também é autor de obras de não ficção, entre as quais, o *Dicionário amoroso de Curitiba* (2014). Já trabalhou no Departamento de Imprensa Oficial do Paraná, no Museu Oscar Niemeyer, na Biblioteca Pública do Paraná e atua como jornalista na TV Paraná Turismo.

## Victor Augustus Graciotto Silva

Também editor e coordenador, é um paranaense nascido na Cidade Poesia, Paranaíba, radicado desde 1995 em Curitiba. Graduado e Mestre em História pela UFPR, atuou como professor até idealizar, juntamente com Juliana Cristina Reinhardt, em 2010, a Máquina de Escrever Editora e Produção Cultural, empresa responsável pela produção desta iniciativa. Entre outros títulos, é autor de *Benzedeiras* (2013), *Cervejarias de Curitiba* (2022) e *O skate no Paraná: cultura, identidade e patrimônio* (2023).

## Juliana Cristina Reinhardt

Também Zugueib Zaidan, é produtora cultural, curitibana, formada em Nutrição pela UFPR, com mestrado e doutorado em História pela mesma instituição. Foi professora universitária na Faculdade Evangélica, PUC e Faculdades Espírita. Atua em pesquisa e produção cultural, e é autora dos livros: *A Padaria América e o pão das gerações curitibanas* (2010); *Dize-me o que comes e te direi quem és: alemães, comida e identidade* (2012); *Entre Strudel, bolachas e stollen: receitas*

*e memórias* (2012); *Alemães, comida e identidade: uma tese ilustrada* (2014); *Igreja alemã: Christuskirche, Igreja de Cristo* (2015); *Se essa rua fosse minha: Santa Felicidade e seus italianos* (2020); *Igreja Ortodoxa São Jorge: encontro dos árabes em Curitiba* (2022); e *Moça bonita não paga, mas também não leva: Feira Livre* (2023).

## José Castello

Ministrante da oficina de romance, é autor de *Fantasma* (menção honrosa do Prêmio Casa de Las Américas, em 2002) e *Ribamar* (2010), narrativa que conquistou o Prêmio Jabuti em 2011. Castello nasceu no Rio de Janeiro e desde 1994 vive em Curitiba. Jornalista com passagem pelas redações da *Veja* e *Jornal do Brasil*, entre outros veículos de imprensa, atualmente escreve para o *Rascunho*. Mestre em Comunicação pela UFRJ, também é autor de obras de não ficção, como *Vinicius de Moraes – O Poeta da Paixão* (1993), *João Cabral de Melo Neto – O Homem sem Alma* (1996) e *Inventário de Sombras* (1999), reeditado em 2022.

## Luci Collin

Ministrante da oficina de poemas, a curitibana Luci Collin é escritora, poeta, tradutora, professora universitária aposentada e musicista. A sua obra poética e literária se caracteriza pela experimentação de linguagem e por tratar de temas da pós-modernidade, como as crises identitárias e metanarrativas. *Tratos de silêncio* (2012), *Querer falar* (2016) e *Rosa que está* (2021) são alguns de seus livros de poemas, além dos romances *Nossa Senhora D'Aqui* (2015) e *Papéis de Maria Dias* (2018), e dos livros de contos *A peça intocada* (2017) e *Dedos impermitidos* (2021). Ela é curadora do Festival da Palavra de Curitiba.

## Luís Henrique Pellanda

Ministrante da oficina de crônicas, é autor dos livros de contos *O macaco ornamental* (2009), segundo lugar no Prêmio Clarice Lispector, *A fada sem cabeça* (2018) e *O caçador chegou tarde* (2023), e de coletâneas de crônicas, como *Nós passaremos em branco* (2011) – finalista do Prêmio Jabuti 2012, *Asa de sereia* (2013), *Detetive à deriva* (2016) e *Na barriga do lobo* – finalista do Prêmio Jabuti 2022, entre outros títulos. Jornalista, Pellanda também é cantor e compositor. Participou da banda Woyzeck e integra o projeto musical Smoko, com Caio Marques e Rodrigo Stradiotto.

## Simon Taylor

Capista, fã dos Beatles e autodeclarado devoto de São Elvis e São Henfil. O curitibano é contra baixista e desenhista, e alguns de seus desenhos podem ser apreciados nos livros *Meus cases de sucesso* (2013), *A caricatura da arquitetura* (2017), *A caricatura da arquitetura 2 – O desenho e a cidade* (2019) e *Curitiba em traço* (2023). Um dos fundadores do Urban Sketchers Curitiba, grupo de artistas que se reúne aos sábados para desenhar edificações e monumentos, Simon tem obras comercializadas na Galeria Krieger. É o autor dos desenhos das capas de todos os livros deste projeto, desde sua primeira edição.

## Amarildo Anzolin

Integra o conselho editorial, é poeta, compositor, redator, revisor, roteirista, produtor cultural, podcaster, performer, ministrante de oficina de escrita e mediador de leitura. O curitibano é autor, entre outros livros de poemas, de *Evite permanecer nesta área* (2012), *Hospedaria de cuidados paliativos* (2016) e *Central de despachos Nossa Senhora das Graças* (2022)

## Francine Cruz

Integra o conselho editorial, é autora dos romances *Amor, maybe* (2011) e *A casa dos dois amores* (AudioLivro, 2014), e do ensaio *La Obra Poética de Ana Cristina Cesar: Resignificación del Biografismo* (Caravana, 2023), entre outros títulos. A curitibana é criadora e apresentadora do Canal Senhora Literatura no Youtube. Em 2012 recebeu o prêmio Agente Jovem de Cultura do Ministério da Cultura.

## João Lucas Dusi

Integra o conselho editorial, é curitibano e autor do livro de contos *O grito da borboleta* (2019) e do romance *O diabo na rua* (2022). Com passagem pelos jornais *Cândido* e *Rascunho*, está à frente da editora Madame Psicose, empreendimento que reeditou *Amor*, narrativa experimental de André Sant'Anna, e colocou em circulação *O labirinto espelhado*, obra filosófica do romancista Guido Viaro.

## Kenni Rogers

Ministrante das oficinas de leitura, é nascido em Marechal Cândido Rondon e radicado na capital paranaense, é ativista de arte-educação, responsável por ações de formação de jovens leitores. Idealizou a Mostra Literatura Paraná, realizada em comunidades de Curitiba e está à frente da Trupe Periferia, coletivo de teatro formado por jovens (vencedor do Troféu Gralha Azul 2023). É ator e autor do livro *Quando era mato, tudo* (2022), publicado pelo Itaú Social e Balada Literária.

## Cida Grecco

Revisora, graduada em Letras pela UFPR, essa paranaense é especialista em Múltiplas Leituras da Comunicação e da Arte pela PUCPR e em História, Arte e Cultura pela UEPG. Mestre em Linguística



pela Unicamp, é doutoranda na mesma instituição e área de estudos. Professora de Língua Portuguesa na Rede Estadual de Educação, Cida atua como revisora na Máquina de Escrever e neste projeto desde sua primeira edição. Participou de uma das oficinas e estreou seu primeiro fragmento de romance no Ampliando Horizontes.

### **Elys Faria Bittencourt**

Graduada em Comunicação Social / Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) em 1995, com experiência em revisão e edição de textos em livros didáticos, de assuntos gerais e em trabalhos acadêmicos. Parceira da Máquina de Escrever desde 2015.

### **Rafael Ferrer Kloss**

Designer gráfico, curitibano, nascido em 1980 é formado em Design Gráfico pela Universidade Tuiuti do Paraná. Com experiência em fechamentos de arquivos para impressão, trabalha em parceria com a Máquina de Escrever há mais de 12 anos na preparação e diagramação dos títulos da editora. Ilustrador, pescador e entusiasta da vida ao ar livre.

### **Clara Reinhardt Silva**

Fotógrafa e produtora de conteúdo, é curitibana e estudante de Design Gráfico da UFPR, atuando como ilustradora, diagramadora e UI/UX designer.

Curitiba, Outubro de 2024

Impresso em papel

Avena 70gr/m<sup>2</sup>

Tipologia:

EB Garamond, Noto

Tiragem:

1000 exemplares



[editoramaquinadeescrever.com.br](http://editoramaquinadeescrever.com.br)

 @editoramaquinadeescrever

 editoramaquinadeescrever

**E**m sua terceira edição, “Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção” é um projeto que oferece, gratuitamente, a experiência completa para quem deseja escrever poesia e ficção. Da ideia inicial à escrita, incluindo o contato com experientes poetas e prosadores, até o lançamento da obra impressa com os conteúdos desenvolvidos nas oficinas. Em 2024, três vezes contempladas com o Prêmio Jabuti ministraram oficinas: José Castello (romance), Luís Henrique Pellanda (crônica) e Luci Collin (poesia). No conselho editorial, Amarildo Anzolin, Francine Cruz e João Lucas Dusi. Idealizado e coordenado pedagogicamente por Marcio Renato dos Santos, com coordenação e edição de Victor Augustus Graciotto Silva e produção de Juliana Cristina Reinhardt, da Máquina de Escrever Editora | Produção Cultural, “Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção Ano 3” movimentará a cena literária da capital do Paraná.



9 786587 517759



## AUDIODESCRIÇÃO DO LIVRO

### Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção - Crônicas

Este é um arquivo PDF com audiodescrição para que as pessoas com deficiência visual possam acessar não só o texto original da publicação, mas também o conteúdo de cada imagem. Para tanto, a audiodescrição de cada uma foi embutida no código do PDF, permitindo a identificação pelos softwares leitores e ampliadores de tela usados por esse público. Informamos que, até este momento, devido às limitações técnicas, a melhor experiência de acessibilidade é oferecida pelo ambiente Windows por meio do software Adobe Acrobat Reader da Adobe. Ele pode ser baixado gratuitamente para os principais sistemas operacionais em: <https://get.adobe.com/br/reader/otherversions/>

Também inserimos o texto descritivo das imagens aqui ao final do livro para que os usuários de outras plataformas e demais interessados possam conferir esse conteúdo, página por página.

**Produção:** Ver Com Palavras Audiodescrição e Vias Abertas – Comunicação, Cultura e Inclusão.

**Audiodescrição de imagens:** Wagner Caruso.

**Revisão:** Lívia Motta.

**Consultoria:** Manoel Negraes

**Formatação PDF acessível:** Wagner Caruso.

**Consultoria em acessibilidade:** Laercio Sant'Anna.

## CAPA

**AUDIODESCRIÇÃO:** A capa do livro é ilustrada na metade superior com o desenho colorido do prédio da Biblioteca Farol do Saber em Curitiba, capital do Paraná, constituída por duas edificações, uma do lado esquerdo, com parede azul, com telhado em declive da direita para a esquerda, e outra do lado direito, com parede cinza, com telhado em declive da esquerda para a direita. Ao centro, uma torre de farol bem alta, encaixada entre as paredes laterais das duas edificações. Ao fundo, abundante vegetação esverdeada com uma árvore

alta à direita, com os galhos da copa curvados para cima. Logo acima do desenho, o nome dos organizadores escrito com letras brancas sobre uma tarja azul. Na metade inferior da capa, à esquerda, o nome do livro escrito com letras grandes, pretas, com a palavra CRÔNICAS, escrita com letras brancas sobre uma tarja azul. Do lado direito, desenho de um homem de meia idade segurando um livro com a mão esquerda, na altura da cintura, com a mão direita no bolso. Ele é branco, com cabelos pretos curtos, penteados para trás. Usa camisa branca, calça azul e cachecol vermelho com a ponta caída sobre o braço. No canto inferior direito, a logomarca da editora máquina de escrever, representada pela silhueta preta de uma máquina de escrever com teclas brancas.

## **PÁGINA 2**

**AUDIODESCRIÇÃO:** Página com fundo cinza com o título centralizado, escrito com letras brancas em cinco linhas.

## **PÁGINA 3**

**AUDIODESCRIÇÃO:** do lado direito da página, alinhadas na vertical, as logomarcas dos incentivadores: ESA – CAT; SOFTMARKETING - SOLUÇÕES EM COMUNICAÇÃO; CURITIBA - LEI DE INCENTIVO A CULTURA; FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA; e PREFEITURA DE CURITIBA.

## **PÁGINA 4**

**AUDIODESCRIÇÃO:** Na parte inferior da página informações da editora em uma caixa de texto retangular. Ao centro, o nome, endereço, telefone e mídias sociais. À esquerda, a logomarca da editora, representada pela silhueta preta de uma máquina de escrever com teclas brancas. À direita, um QRCode para acesso ao site da editora.

## **PÁGINA 5**

**AUDIODESCRIÇÃO:** Logomarca da editora, representada pela silhueta preta de uma máquina de escrever com teclas brancas, centralizada na parte inferior da página.

## **PÁGINA 8.**

**AUDIODESCRIÇÃO:** A capa do livro é ilustrada na metade superior com o desenho colorido do prédio da Biblioteca Farol do Saber em Curitiba, capital do

Paraná, constituída por duas edificações, uma do lado esquerdo, com parede azul, com telhado em declive da direita para a esquerda, e outra do lado direito, com parede cinza, com telhado em declive da esquerda para a direita. Ao centro, uma torre de farol bem alta, encaixada entre as paredes laterais das duas edificações. Ao fundo, abundante vegetação esverdeada com uma árvore alta à direita, com os galhos da copa curvados para cima.

#### **PÁGINA 74.**

**AUDIODESCRIÇÃO:** Na parte inferior da página, abaixo da ficha técnica, a logomarca da editora máquina de escrever, representada pela silhueta preta de uma máquina de escrever com teclas brancas.

#### **PÁGINA 75. CONTRACAPA.**

**AUDIODESCRIÇÃO:** Contracapa com fundo cinza, com o texto a seguir escrito com letras pretas. "Em sua terceira edição, "Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção" é um projeto que oferece, gratuitamente, a experiência completa para quem deseja escrever poesia e ficção. Da ideia inicial à escrita, incluindo contato com experientes poetas e prosadores, até o lançamento da obra impressa com os conteúdos desenvolvidos nas oficinas. Em 2024, três vezes contempladas com o Prêmio Jabuti ministraram oficinas: José Castello (romance), Luís Henrique Pellanda (crônica) e Luci Collin (poesia). No conselho editorial, Amarildo Anzolin, Francine Cruz e João Lucas Dusi. Idealizado e coordenado pedagogicamente por Marcio Renato dos Santos, com coordenação e edição de Victor Augustus Graciotto Silva e produção de Juliana Cristina Reinhardt, da Máquina de Escrever Editora – Produção Cultural, "Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção Ano 3" movimenta a cena literária da capital do Paraná".

No canto inferior direito um código de barras, logo abaixo a logomarca da editora máquina de escrever, representada pela silhueta preta de uma máquina de escrever com teclas brancas e o código ISBN 9 786587 517759